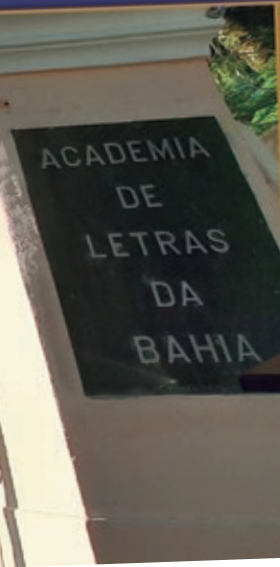


Palacete Góes Calmon

Patrimônio da Bahia





Palacete Góes Calmon

Patrimônio da Bahia

Patrocínio



CAIXA Vida e Previdência

CAIXA Capitalização

CAIXA Consórcio

CAIXA Assistência

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Salvador, Bahia, 2025

“Depois de uma longa peregrinação, a Academia de Letras da Bahia se instala, digna e definitivamente, numa casa que, ainda há pouco museu, foi primitivamente o lar de ilustre família baiana e a cuja sombra floresceu, no começo do século, um cenáculo das letras.”

Cláudio Veiga

“A casa de Góes Calmon e a Academia de Letras caminham juntas e se complementam. O zelo com o solar magnifica o sodalício. O seu enriquecimento valoriza a cultura.”

Edivaldo Boaventura

“Guardiã de todas as letras da Bahia.”

Edvaldo Brito

“Esta casa nos veste com a memória
do saber e sabor da escrita.”

Muniz Sodré

“Transpor o portão do Palacete Góes Calmon
tem o significado da busca ao conhecimento
para a mais expressiva estética
no uso da palavra escrita.”

Gláucia Lemos



O Palacete da ALB é um templo sagrado da Literatura e da Cultura baiana e brasileira. Sou orgulhosa de fazer parte dela e sempre lembrarei da primeira reunião na qual Zélia Gattai Amado, em 2004, quis me levar, para eu conhecer esse precioso palacete e os seus acadêmicos. Como italiana, destaco que nesse lindo palacete, quando ainda era de sua propriedade, em 1924, Góes Calmon recebeu Umberto di Savoia, Príncipe di Piemonte e herdeiro do trono italiano, durante a sua passagem pela Bahia. Na fotografia, entre outros, atrás de Calmon está o Cônsul da Itália, Fernando Scaldaferrri, pai do artista plástico Sante Scaldaferrri.

Antonella Rita Roscilli
Membro Correspondente – Itália



Agradecimentos

O Palacete Góes Calmon abriga a Academia de Letras da Bahia (ALB). Cabe à ALB zelar por sua casa, em todos os aspectos que dizem respeito à conservação, ao uso e à manutenção. Para uma tarefa tão complexa e custosa, as parcerias são necessárias e fundamentais. Portanto, queremos agradecer penhoradamente:

Ao Ministério da Cultura, pela aplicação da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), importante instrumento de captação de recursos para atividades culturais e institucionais;

Ao Grupo CAIXA Seguridade, especialmente à CAIXA Vida e Previdência, CAIXA Capitalização, CAIXA Consórcio e CAIXA Assistência pelo patrocínio providencial e robusto, sem o qual o restauro de portas e janelas não seria possível;

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural da Bahia (IPAC);

À Fundação Gregório de Matos (FGM);

A Patricia Si Barreto pela coordenação geral do projeto;

A Fernanda Pimenta pela produção executiva do projeto de restauro;

Ao museólogo Bruno Santos pelo cuidado com o nosso precioso acervo;


À empresa de restauro Calazans e sua equipe, sempre empenhados e cuidadosos para garantir qualidade e pontualidade na execução do projeto;

Aos fotógrafos Pico Garcez e Aristides Alves;

À P55 Edição, pela cuidadosa produção deste livro;

Aos funcionários da ALB, pelo apoio constante e efetivo durante a obra;

Aos acadêmicos e às acadêmicas que participaram do processo com interesse, sugestões e críticas para que atingíssemos o êxito deste projeto.



A HISTÓRIA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA (ALB) une-se à história do Palacete Góes Calmon no ano de 1983, quando esse edifício histórico e carregado de memória passa a ser a sede da instituição. Um elo frutífero que já dura mais de quarenta anos. Recebido como uma doação do Governo do Estado, esse legado traz, sem dúvidas, grandes responsabilidades. O Palacete Góes Calmon abriga uma parte importante da memória da Bahia e até do Brasil. Cuidar desse patrimônio é preservar esse legado, dar chance a gerações futuras de sentir orgulho das conquistas dos seus antecessores e inspirá-las a feitos ainda mais grandiosos.

A publicação deste livro tem por objetivo contribuir com essa salvaguarda, registrando um momento importante de cuidado com esta casa, que, desde muito tempo, exibe características museológicas. Primeiro através do seu antigo residente, Francisco Marques de Góes Calmon, exímio colecionador de arte; depois tornando-se sede da primeira Pinacoteca do Estado da Bahia e, posteriormente, sede do Museu de Artes da Bahia, espaço sob os cuidados do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), instituição que vem contribuindo com a preservação desse bem.

A ALB honra mais uma vez o compromisso de cuidar do Palacete Góes Calmon com o restauro das suas portas e janelas, ação que reforça a segurança do edifício, previne danos causados pela ação do tempo e que, simbolicamente (e por que não dizer também poeticamente), dialoga com um momento de maior abertura da casa para os desafios que a sociedade enfrenta na contemporaneidade, no empenho pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária e na busca contínua pela democratização do acesso e de medidas de acessibilidade, dentre as quais a versão em áudio deste livro.

Com esta publicação, que marca ainda o lançamento do selo editorial da ALB, a instituição escreve mais um capítulo na história dessa morada das letras e das artes, cenário de momentos únicos da literatura baiana.

Patricia Si Barreto

PATRICIA SI BARRETO é graduada em Administração, tem mestrado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua na área cultural, em consultoria, planejamento, produção, gestão de projetos, sistematização de informações e geração de conteúdo para espaços culturais de Salvador. Desde 2021, é responsável pela gestão dos projetos e convênios da Academia de Letras da Bahia.

Sumário

A casa é um livro a cuidar

Aleilton Fonseca • 16

O palacete e as letras

Cleise Mendes • 27

Uma sede à altura da Academia de Letras da Bahia

Paulo Ormindó de Azevedo • 28

A casa das letras

Cyro de Mattos • 49

A preservação do Palacete Góes Calmon

Ordep Serra • 50

Uma casa solar e suas histórias

Décio Torres Cruz • 63

Breve história do Palacete Góes Calmon: de residência a sede da academia

Aramis Ribeiro Costa • 68

Sol do sonho

Heloísa Prazeres • 83

O Solar Góes Calmon no ano do centenário da Academia de Letras da Bahia

Evelina Hoisel • 88

A Academia

Nelson Cerqueira • 97

Inauguração da estátua de Góes Calmon na Academia de Letras da Bahia

Francisco Senna • 98

A casa da outra esquina

Mirella Márcia • 110

O arquivo da Academia de Letras da Bahia

Edilene Matos • 114

O Palacete Góes Calmon e o seu patrimônio cultural: a formação do acervo da Academia de Letras da Bahia (1983-2025)

Bruno Lopes do Rosário • 124

Características museológicas do Palacete Góes Calmon

Angela Petitinga • 146

A casa é um livro a cuidar

Aleilton Fonseca



Esta Casa é um livro que expõe em suas paredes as páginas de muitas histórias. São enredos e partituras repletos de contextos, vivências e significados. O filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) explana sobre a simbologia da casa. No célebre livro *Poética do espaço* (1957), ele faz um estudo fenomenológico da imaginação e da experiência lírica a partir dos lugares de intimidade vivencial. A casa é o cenário das vivências e dos afetos compartilhados. Suas paredes guardam a memória de todos os gestos e de todas as palavras. Suas portas e janelas dialogam com o mundo exterior, dando passagem ao fluxo das trocas intensas e significativas. Bachelard revela as relações simbólicas que se estabelecem entre a casa, como lar e refúgio, e o ser humano que a habita.

A casa reflete a personalidade e a experiência dos indivíduos que a utilizam. No seu contexto, os objetos, recintos e instalações adquirem significados pessoais e intransferíveis. A casa abre e fecha suas portas e janelas, a cada dia, num ritual de transição entre o mundo exterior e o interior, ofertando proteção, ambiência e segurança. Pelas janelas, estabelecem-se as conexões, as noções dos limites, graduando-se a visão, em perspectiva. No sótão, prosperam a imaginação e a memória, a conexão com o passado. O porão é sempre uma morada do mistério, apelo ao inconsciente e ao desconhecido, de dimensão profunda e complexa. O telhado exerce a proteção geral, de tudo e de todos.

A casa é abrigo de vidas, é ninho e seio, acolhimento, útero, coração, onde a vida surge e se cria, pulsa e se cumpre no dia a dia, em anos e séculos. A casa é poesia, é drama, é narrativa, é verdade e ficção.

Este Casarão secular guarda memórias e histórias de famílias, com seus parentes e amigos, visitantes e servidores; enfim, uma comunidade de composição fluida, todos sujeitos da cultura de um tempo. Em seus cômodos, permanece a marca invisível de momentos de alegrias, dores, tristezas, celebrações, mudanças, lamentações. Podem-se imaginar visitas,



Aleilton Fonseca

“O Casarão pulsa no olhar de quem o admira como um guardião do tempo, arca de sugestões e memórias, testemunha da passagem da vida.”

encontros, festas, reuniões, acontecimentos. São traços que se acumularam no tempo e definem a alma indevassável do Casarão. Tudo repousa no silêncio dos seus cotidianos e rotinas.

Ao olhar da história, a moradia evoca sentimentos de nostalgia e saudade, sobretudo para as pessoas que a conheceram em tempos passados, ou foram seus vizinhos ou frequentadores, ou acompanharam sua trajetória, ou ouviram contar suas narrativas.

A Casa é antiga porque atravessou décadas, com alicerces e estruturas capazes de resistir às intempéries, com atrativos para escapar à lógica das demolições. A Casa antiga demonstra resiliência e durabilidade, sobretudo ao fazer jus a reformas de conservação e adaptação a novos usos, resistindo ao tempo e às mudanças, com seus mistérios e segredos, que podem ser investigados, descobertos e revelados. Sua história é narrada. Sua arquitetura é estudada. Sua trajetória é circunstanciada. Ela pode ser objeto de estudos, de projetos de conservação, e ser motivo de discussão. Ela pode despertar a imaginação de historiadores, arquitetos, cronistas e poetas, com seus documentos, suas formas peculiares, seus apelos líricos, suas atmosferas envolventes. O olhar detém-se nas suas estruturas e nos detalhes, observa as portas e janelas, os muros e jardins, suas escadas e marcas arquitetônicas e ornamentais. E tudo pode ser posto em relatórios, ensaios, descrições, memoriais, narrativas, poemas, canções. Um coro de diferentes vozes pode celebrar sua beleza e suas crônicas e ficções. O Casarão pulsa no olhar de quem o admira como um guardião do tempo, arca de sugestões e memórias, testemunha da passagem da vida.

A casa é um livro a cuidar

O Casarão é inventário, é memorial, é museu. Seus recintos e suas estruturas são arquivos tácitos de objetos e vivências e tradições, um legado de várias gerações. Como antiga moradia familiar, esta Casa carrega marcas de identidade, estilo e pertencimento em relação à memória dos seus idealizadores, proprietários e moradores, que a habitaram e com a qual mantiveram diversas conexões emocionais.

Casa de observação da beleza, como cenário de exposição de arte e encantos. Museu. O velho Casarão desperta, ganha vida e cores em suas formas, em suas paredes, em seu corpo escultural. Novos segredos se entrelaçam e se harmonizam, desde os cantos do jardim até o pátio, os corredores, a escadaria. A mão do tempo cria novas memórias, as peças vigiam as horas nas salas amplas, onde as experiências pairam lá fora, em folhas e flores, pássaros e borboletas. As portas e janelas, cúmplices sutis dos prazeres do ver, observar e sentir, gemem com doçura quando tocadas pelas mãos polidas do zelo, abrindo frestas para as imaginações criativas. As sombras ancestrais passeiam pelas salas, recobertas pela luz do mesmo Sol e da mesma Lua, por entre as molduras e ornamentos de uma época remota. A madeira envelhecida e os livros amarelados nas estantes escuras dão um cheiro antigo e amigável ao ambiente, ante a imaginação que recompõe as vozes e murmúrios do passado. Nos corredores largos, a brisa conduz os mistérios, envolve os visitantes, desperta a poesia dos vestígios, um verso esboçado no papel, uma partitura sobre o piano que jaz em silêncio. Uma cigarra assume o concerto no alto de uma árvore do jardim.

O tempo passa. E os livros chegam, em profusão, e tomam posse do lugar. Como antes eram as pessoas, peças e pinturas, agora são brochuras e encadernações. A Casa agora é Academia de palavras escritas e prosas lançadas à mesa, em dia de convívio e ritual. O jardim concorda com as mudanças. As plantas crescem como sempre, exercitando o dom dos seres naturais, verde que se instaura em raízes e folhas, e flores e frutos, dialogando com as brisas que vêm do mar da baía, nas manhãs e tardes e noites de luar.



“Cada objeto é relíquia. Cada canto da casa é um repositório de poemas, narrativas e imagens, como signos de tantas vidas que ali se cruzaram, em diálogos e debates, em busca de tela para desenhar as marcas do futuro.”





Aleilton Fonseca

Eis a Casa, o Casarão, o Palacete emoldurado em poesia, em prosa e arte. Aqui repousam os dias, para além de um século, cerzidos pacientemente com os pespontos de Cronos. A poesia cochicha pelos corredores, as narrativas murmuram nas paredes, as memórias brotam do chão. O tempo é um poeta criterioso e exigente. Ele tece os versos e reversos da Casa com fios de luzes e de sombra. A poesia é uma sonata sutil, com ecos e pausas. As experiências e os anseios ilustram páginas memoráveis. A Casa é um livro. Nossa honra e dever é cuidar da Casa.

ALEILTON FONSECA (1959) é ficcionista, poeta e ensaísta, graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e professor pleno aposentado da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Publicou diversos livros, sendo os mais recentes: *O desterro dos mortos* (contos), *As formas do barro* (poesia), *Nhô Guimarães* (romance), *O pêndulo de Euclides* (romance), *Um rio nos olhos* (poesia), *O arlequim da Pauliceia* (ensaio), *A terra em pandemia* (poema), *Sonhos de viver* (contos) e *O sorriso da estrela* (conto). Pertence à Academia de Letras de Ilhéus, à Academia de Letras de Itabuna e à Academia de Letras da Bahia, sendo seu presidente no biênio 2025-2027.

O Casarão é um mundo de livros e palavras. As gentes vêm e vão, os livros permanecem em seu sábio silêncio, ocupando os seus nichos de maneira abrangente e indispensável. Cada objeto é relíquia. Cada canto da casa é um repositório de poemas, narrativas e imagens, como signos de tantas vidas que ali se cruzaram, em diálogos e debates, em busca de tela para desenharem as marcas do futuro.

Lá fora chove, faz sol, há ventos, salitre, gases, poeiras e corrosões. A Casa sente em seu corpo os açoites do mundo. Ela resiste e se mantém de pé. Ela pede cuidado, amor e carinho. É preciso cuidar. É preciso amar a Casa de paixão. Reconstruir, restaurar, renovar. A Casa pede atenção. A Casa solicita cuidado. A Casa suplica um olhar amoroso. A Casa merece o nosso pleito de estima e consideração.





Passarela dos eleitos, este caminho de pedras portuguesas conduz à glória da imortalidade das letras e das artes.





O PALACETE E AS LETRAS

Cleise Mendes

As casas e os poemas têm andaimes:
mesmo que recolhidos, desmontados,
projetam sua sombra em cada pedra
e em cada letra o seu perfil de aço.

Passadas a limpo, as fachadas revelam
do tempo os alicerces, as memórias
dessas falas e gestos que plasmaram
as linhas de tão clara engenharia.

Da matéria dos sonhos construída,
a saga humana encontra voz e abrigo
no aconchego de sílabas e salas.

Renasce o casarão, reeditado:
nas paredes e páginas há rastros
das vidas que teceram sua história.

CLEISE MENDES é dramaturga, com dezenas de peças já encenadas, poeta, contista e ensaísta. Além de obras líricas e narrativas, tem vários livros publicados sobre teatro e literatura, entre os quais *A gargalhada de Ulisses: a catarse na comédia* (Perspectiva, 2008). É professora emérita da Universidade Federal da Bahia (UFBA), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e líder do grupo de pesquisa Dramatis. Desde 2004, ocupa a Cadeira nº 6 da Academia de Letras da Bahia.

Uma sede à altura da Academia de Letras da Bahia

Paulo Ormino de Azevedo



O **Palacete Góes Calmon**, sede da Academia de Letras da Bahia (ALB), tem uma longa história de proprietários, usos, ampliações e reformas. Seu mais antigo proprietário conhecido é Inocêncio Marques de Araújo Góes Junior (1839-1897), advogado e político. Por ocasião do casamento, em 1897, do seu sobrinho e filho de criação, Francisco Marques de Góes Calmon, com Maria Julieta de Maia, ele o doou. Sobre a história social desse edifício, o confrade Edivaldo Boaventura esgotou o assunto com precisão e graça no seu livro *O Solar Góes Calmon*, de 2004, poupando-me dessa tarefa. O novo proprietário se tornaria um eminente advogado, político, banqueiro, colecionador, historiador e governador da Bahia, entre 1924 e 1928. Com sete filhos e crescente projeção social e política, ele resolveu ampliar a velha casa com mais um pavimento, 21 anos após seu casamento.

A criação do palacete e o seu projeto

Em 1918, a casa colonial de porão alto e um só pavimento foi reformada e acrescida de mais um pavimento. Nessa oportunidade, foi reestilizada à maneira mourisca com janelas tríme-
ras, arcos em ferradura na fachada principal e colunata superposta por balcão lateral com capitéis egípcios palmiformes. O Ecletismo no Brasil foi difundido pelos arquitetos, engenheiros e escultores italianos. Na Bahia, os principais projetistas do *revival* foram os arquitetos José Nivaldo Allioni, introdutor do estilo em Salvador no final do século XIX, Rossi Baptista, autor do projeto do Palacete Martins Catharino – atual Museu de Arte Contemporânea da Bahia, ou MAC_BAHIA (Azevedo, 2006) –, e os engenheiros Julio Conti e Filinto Santoro, projetistas oficiais das administrações J. J. Seabra e Muniz de Aragão.

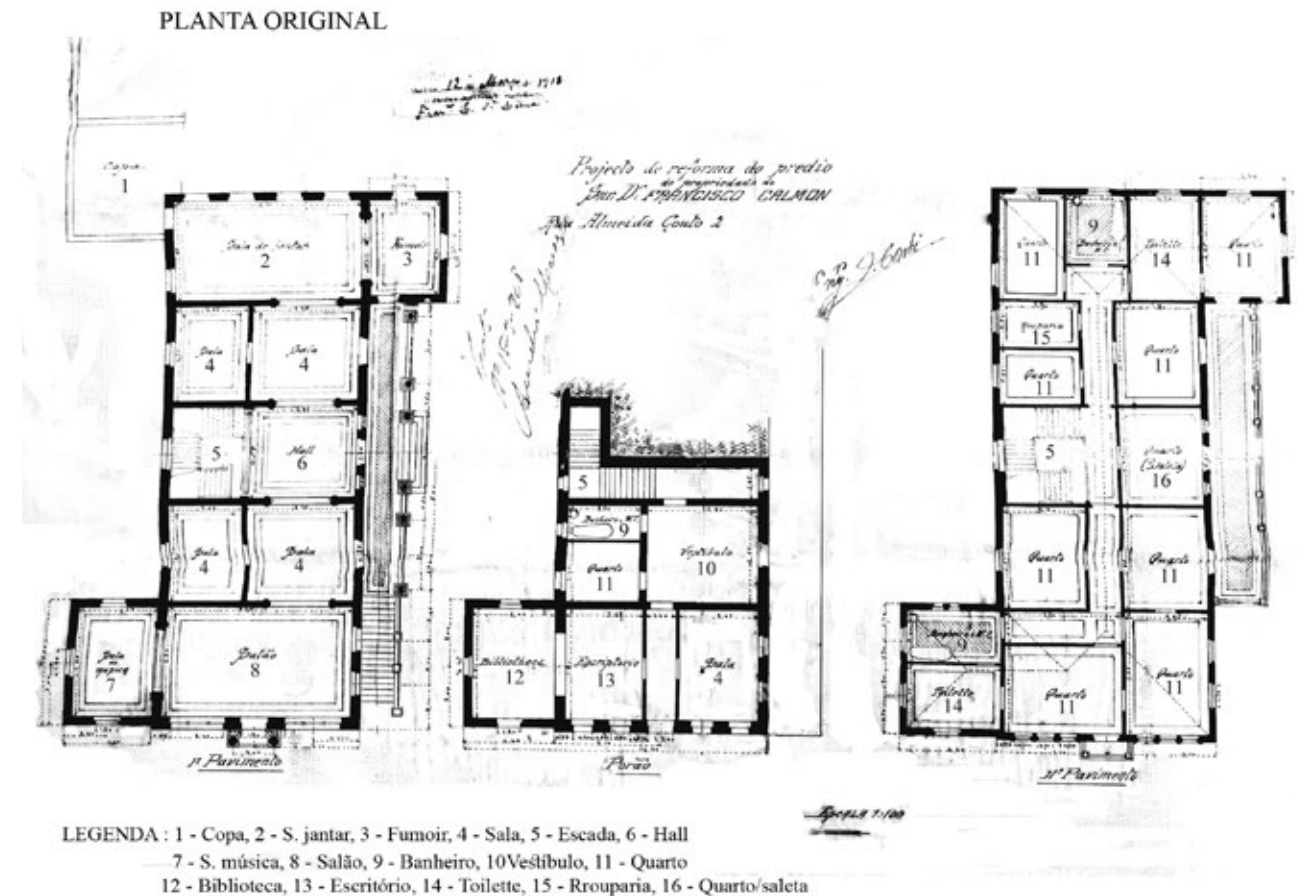
Outros arquitetos e engenheiros italianos que atuaram na Bahia foram Alberto Borelli, autor do projeto do Gabinete Português de Leitura; Antônio Virzi, autor do projeto de um teatro no alto da ladeira de São Bento (1914); e Michelle Caselli, autor de um projeto para a nova Igreja de São Pedro, que foi preterido pelo de outro autor (Andrade Junior, 2007).

Em pesquisa no Arquivo Histórico Municipal, encontrei o projeto original do Palacete Góes Calmon, firmado pelo engenheiro italiano Julio Conti, datado de 1908. Góes Calmon só iniciaria as obras dez anos depois. Conti foi o autor dos projetos da atual Igreja da Ajuda (1912-1923), reconstruída em função da reforma urbana empreendida por J. J. Seabra – do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, inaugurado em 1923 –, e do primeiro projeto de reconstrução do Palácio Rio Branco, bombardeado em 1912, mas modificado pelos engenheiros Arlindo Fragoso e Filinto Santoro.

O projeto de Conti foi seguido à risca pelo construtor. Era um palacete para um homem público, com uma suíte logo na entrada, onde pudesse receber políticos e eventualmente hospedar correligionários, sem intervir em sua vida familiar. Ficava no porão alto do palacete, medindo de 160 m², com vestíbulo, escritório, biblioteca, sala, quarto e banheiro, independente da residência, mas ligada a ela por uma escada.

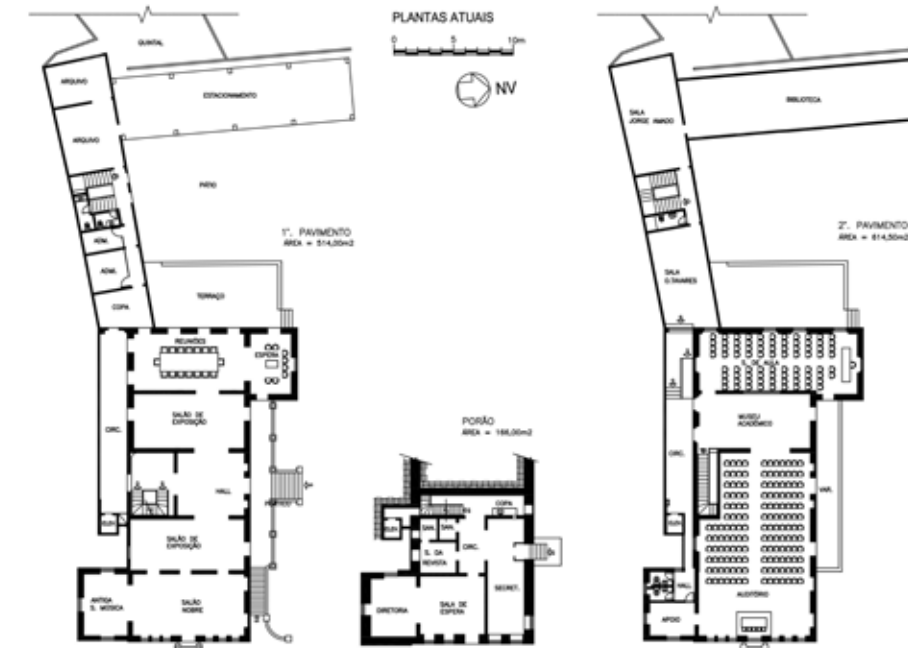
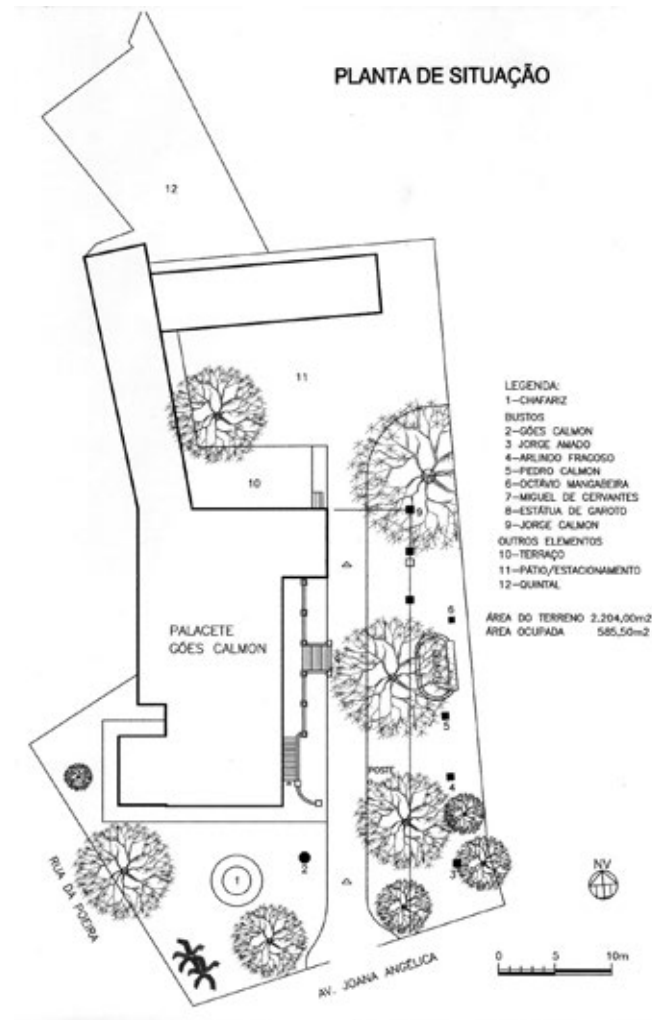
O pavimento nobre era precedido de escadaria e pórtico de entrada. Um hall central fazia a distribuição das funções e se articulava por escada com o primeiro andar, de função íntima. Esse térreo possuía um salão nobre, com teto pintado por Presciliano Silva e balcão debruçado sobre o jardim frontal, sala de música anexa, quatro salas menores e amplo salão de jantar e *fumoir* abertos para o terraço posterior. A copa, a cozinha e o “quartinho”, como na tradição colonial, ficavam fora do corpo da casa, no fundo, onde funciona hoje a Administração e a Contabilidade da ALB.

O andar superior já refletia os valores burgueses de individualidade. Dos nove quartos, três eram suítes e duas delas possuíam amplos *toilettes*. Além do toucador, que provavelmente servia também para a dormida das babás que cuidavam das crianças. A suíte do casal se abria por um balcão para o jardim frontal e controlava a entrada e saídas dos moradores e das visitas. Possuía ainda varanda lateral para onde se abriam três quartos e uma rouparia



totalizando 350 m². Construtivamente, tinha paredes externas mais delgadas que as do pavimento inferior, remanescentes da antiga casa, e divisórias em paredes francesas ou de estuque.

Góes Calmon, um colecionador, incorporaria na ampliação da casa peças originárias de igrejas e residências demolidas. A maioria dessas peças está no porão alto, onde Góes Calmon tinha seu gabinete e sua biblioteca. São painéis de azulejos figurados do século XVIII, um dos quais datado de 1733, que não se conhece a origem, mas poderia ser do antigo colégio jesuítico, como sugeriu o especialista português Santos Simões. Há também um painel doado pelo sr. Jaques Pedreira, originário da Igreja de São Gonçalo de Amarantes, no município homônimo, introduzido durante a reforma do final da década de 1960, e azulejos de motivos isolados de origem holandesa (Rocha, 1993). Colunas salomônicas retorcidas, de madeira, ornaram a arcada que separa o gabinete do antigo proprietário da biblioteca.



No portal do andar nobre, existem painéis de azulejos provenientes do convento do Carmo, segundo José Valadares e Santos Simões. Dois deles foram trasladados para o primeiro andar durante a reforma do final da década de 1960, por sugestão do então diretor do Museu de Arte da Bahia, Carlos Eduardo da Rocha. No seu hall, há dois cancelos de comunhão do século XVII, com balaústres torcidos de jacarandá e dois vitrais *art nouveau*. Completa a decoração do andar nobre a pintura de teto do salão nobre, realizada por Presciliano Silva.

Aos arquitetos e engenheiros italianos ecléticos, podemos acrescentar o nome do escultor Pasquale de Chirico (1873-1943), que realizou pedestais e conjuntos escultóricos para alguns edifícios ecléticos, como o auditório Alfredo Brito da Faculdade de Medicina – a convite

de Theodoro Sampaio –, e monumentos comemorativos, a exemplo dos em homenagem a Castro Alves, na praça homônima, ao Visconde de Cairu, em frente ao Mercado Modelo, e ao Barão do Rio Branco, no Relógio de São Pedro. São cerca de 44 estátuas deste autor, na Bahia, São Paulo e Itália, cadastradas (Sá, 2017).

Apesar de o Ecletismo ser um estilo internacional com avanços tecnológicos construtivos, higiênicos e a incorporação do verde aos edifícios, o *revival* sofreu a mais preconceituosa campanha dos Modernistas encastelados no Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), que alegavam o estilo não ter raízes nacionais, ignorando sua importância social e histórica. No Brasil, o Ecletismo representou as aspirações europeizantes de uma burguesia nascente e o saudosismo de comerciantes estrangeiros aqui estabelecidos.

Os edifícios ecléticos eram classificados como de estilo “1910 por falta de outro estilo” e de “bolos de noiva”, devido ao excesso de glacê e confeitos de estuque decorativos. Até um arquiteto de enorme sensibilidade como Lúcio Costa, quando diretor do IPHAN, defendeu a demolição do belíssimo conjunto eclético da Avenida Rio Branco e de seu fecho, o Palácio Monroe, ex-sede do Senado Federal. O mesmo se passou no Corredor da Vitória, em Salvador, no longo período em que prevaleceu no IPHAN essa orientação, não obstante seu representante local fosse o maior conhecedor do Ecletismo na Bahia, o professor Godofredo Filho. Esse preconceito explica o fato de o Palacete Góes Calmon não ter sido tombado antes de ser sede da ALB.

As obras de ampliação da casa original

A reforma do palacete foi contratada a Pedro Velloso Gordilho (1873-1954) e durou de 1918 a 1919. Pedro Velloso Gordilho se formou bacharel, em 1895, pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, mas, tendo que administrar um grande número de imóveis herda-

dos por sua esposa e prima, Maria Margarida Gordilho – filha única do Barão de Itapoan, Adriano Alves de Lima Gordilho –, tornou-se um empresário da construção civil (Gordilho, 1993).

Gordilho incorporou um edifício de escritórios com três pavimentos na Rua Chile – onde funcionou o Tribunal de Contas do Estado, demolido para a construção do edifício Comendador Bernardo Martins Catharino – e numerosas casas em bairros de expansão da cidade como Barra, Barris e Canela¹. Como mordomo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, construiu enfermarias no Hospital Santa Isabel e reformou muitas casas daquela instituição. Para privados ricos, construiu, além do Palacete Góes Calmon, o solar do senhor Tenório Albuquerque, no Corredor da Vitória.

Como grande incorporador urbano, ele fundou pioneiramente, em 1933, a Associação de Proprietários de Imóveis da Bahia. Era também proprietário da Serraria Palmeiras, situada numa enorme gleba herdada do sogro, no fundo do Colégio Central. Aquela gleba seria depois loteada e transformada no Boulevard Pedro Velloso Gordilho (Gordilho, 1993). Suas obras primavam pela qualidade da carpintaria, com portas e janelas que se dobravam e recolhiam no caixão das mesmas e lambris decorativos, como o do salão de jantar do Palacete Góes Calmon.

Pedro Velloso Gordilho construiu, como disse, o solar do casal Tenório e Adelaide Albuquerque, no Corredor da Vitória, nº 2.445, localizado atrás da bicentenária mangueira daquela via. Contava minha avó materna que, quando do alargamento da via, quiseram derrubar a mangueira porque ela ocupava todo o passeio, mas a reação popular foi tão forte que o prefeito Júlio Viveiros Brandão desistiu. Nele funcionou o aristocrático Clube Euterpe.

1 • Segundo depoimento das senhoras Maria Alice Gordilho Pessoa e Ângela Gordilho, netas de Pedro Velloso Gordilho, em abril de 2017.

Aquele foi um projeto claramente de inspiração italiana e dos mais eruditos. Godofredo Filho já havia apontado a semelhança de suas janelas em biforas inscritas em um arco maior com um óculo circular culminando a composição com as dos palácios renascentistas Strozzi e Rucellai (Godofredo Filho, 1984). Eu poderia acrescentar a essa relação as janelas do pátio do palácio Quartezi, todos em Florença. Ouso dizer que esse solar é uma réplica em dois pavimentos do palácio renascentista Ca' Vendramin Calergi, localizado no Grande Canal de Veneza, de autoria do arquiteto italiano Mauro Codussi (Fletcher, 1948). Palácio que ficou famoso porque nele morreu o compositor Richard Wagner. Sua fachada tem a mesma modulação em cinco tramos do palácio veneziano e janelas e cornija com as mesmas proporções.

Pedro Velloso Gordilho teve 13 filhos – três dos quais engenheiros, sendo um deles engenheiro e arquiteto, o professor Walter Velloso Gordilho –, mas sempre preferiu trabalhar com os projetistas italianos. Outro filho seu foi o advogado Oswaldo Velloso Gordilho, que foi prefeito de Salvador (1951-1954), escritor e biógrafo da família (1993).

“Apesar de o Eclétismo ser um estilo internacional com avanços tecnológicos construtivos, higiênicos e a incorporação do verde aos edifícios, o revival sofreu a mais preconceituosa campanha dos Modernistas encastelados no IPHAN”

O jardim e o quintal

O Palacete Góes Calmon está envolvido por duas grandes mangueiras, árvores diversas e palmeiras. Seu jardim tem uma frente de 29 m para a Avenida Joana Angélica e de 27 m para a Rua da Poeira, totalizando 2.204 m². O palacete está recuado a 13,5 m da rua. Uma rampa pavimentada de mosaico português conduz à entrada principal, que está a 4 m sobre o nível da rua, e ao pátio posterior.



À margem da rampa de acesso, Góes Calmon criou uma fonte com um frontão barroco de alguma capela, como indica seu nicho. Embora datado de 1817, o frontão é mais antigo. Não foi possível identificar sua origem. Seguramente não é de nenhuma igreja demolida de Salvador, como São Gonçalo, no Rio Vermelho, Ajuda e São Pedro Velho. Poderia ser, eventualmente, de alguma capela interna do convento de Santo Antônio do Iguape, em Cachoeira, que foi abandonado pelos franciscanos no final do século XIX, tendo seu acervo saqueado e vendido em antiquários.



Góes Calmon instalou também no jardim uma versão mais pudica do *Manneken Pis*, de Bruxelas, com ferro fundido. Ao invés de o moleque fazer pipi, ele tem uma concha sobre a cabeça que derrama água, mas nunca foi feita a ligação da água nem a bacia de captação. Essa figura foi a culminação de um chafariz que a Companhia do Queimado instalou, em 1856, no Largo do Acioli, atual Largo Dois de Julho.



Ao longo da mesma rampa, após a integração à ALB, foram colocados pedestais com bustos de Jorge Amado, Arlindo Fragozo, Pedro Calmon, Octávio Mangabeira e Jorge Calmon. Foi incorporado a esta galeria de estátuas o busto de Miguel de Cervantes – doado pela colônia espanhola à Bahia, no quarto centenário de seu nascimento, em 1947 –, que se encontrava inteiramente desambientado num pequeno jardim em frente à ALB.

A última escultura a ser instalada no jardim do palacete foi um bronze de tamanho natural do antigo proprietário, o governador Góes Calmon. Na estrada do palacete, à mão esquerda, ele dá boas-vindas aos visitantes. Essa estátua, de autoria de Pasquale de Chirico, e seu pedestal, originários de 1936, estavam desmontados no Núcleo Educacional Góes Calmon, nos Barris, e foram incorporados à Academia em 2011, por gestão do acadêmico Edivaldo Boaventura.

Além do jardim frontal, que se preserva, o palacete possuía um vasto quintal. Nele existia um dos primeiros campos de futebol



privados da cidade, quando esse ainda era um esporte nobre inglês, praticado inclusive pelas filhas do casal Góes Calmon (Boaventura, 2004). Participaram dos campeonatos, provavelmente, membros das famílias Prisco Paraíso e Berbert de Castro, vizinhos da Rua da Jaqueira, e outros amigos da família. O quintal fez parte da compra realizada pelo estado em 1943, mas na década de 1960 ele foi desmembrado do palacete para a construção da Escola Estadual Eduardo Bizarria Mamede. Na pequena fração do quintal que restou no fundo do palacete, foi construído, recentemente, um café literário.

Conversões de usos e reformas

Após a morte do proprietário, em 1932, o palacete permaneceu com apenas três moradores: a viúva e seus dois últimos filhos. A família queria vender o palacete integral, com seu acervo e quintal. Depois de longas negociações, o imóvel foi adquirido pelo estado em 1943 para a instalação da Pinacoteca e Museu do Estado, inaugurados em 2 de julho de 1946, e dirigido pelo museólogo e crítico de arte José Valadares.

Já nessa oportunidade, a antiga residência deve ter sofrido uma reforma para adaptá-la ao novo uso, como a eliminação de algumas divisórias no primeiro andar para a transformação de quartos, toaletes e banheiros em salões de exposição de quadros e objetos históricos. Essas obras foram orientadas pelo engenheiro e professor Elísio de Carvalho Lisboa, então prefeito da capital.

Após a morte precoce de José Valadares, num acidente de aviação, foi sucedido pelo museólogo Carlos Eduardo da Rocha. Sem manutenção adequada, o edifício começou a se arruinar no início da década de 1960 e foi preciso transferir seu acervo para o Museu de Arte Sacra e a Pousada do Carmo. Uma terceira reforma foi feita após a posse do Governador Luiz Viana Filho, em 1967, para poder trazer de volta esse acervo para a sua antiga sede.

Devido à delicadeza do trabalho, a obra foi contratada por administração com o engenheiro Adherbal Menezes (Boaventura, 2004). Essas obras consistiram na feitura de um novo telhado, substituição de assoalhos e forros de madeira por lajes de concreto armado e de divisórias de estuque do primeiro andar por alvenarias de blocos cerâmicos e refeitas instalações elétricas e hidráulicas. Nessa oportunidade, foram criados corredores de serviço juntos ao vizinho da Rua da Poeira, nos dois níveis do edifício.

As atuais sancas de gesso foram redesenhadas com base em fotografias antigas pelo pintor e professor Newton Silva, que foi também o engenheiro fiscal das obras pelo Departamento de Edificações Públicas do Estado². Após dois anos de trabalho, o museu foi reinaugurado em 6 de novembro de 1970, rebatizado como Museu de Arte da Bahia (Boaventura, 2004).

Para a sua transformação em sede da ALB foram feitas obras ligeiras, mas faltavam espaços para sua administração e biblioteca. Por diligência do acadêmico Jorge Calmon, redator chefe do jornal *A Tarde*, as construtoras Suarez e OAS, que realizavam grandes obras para o estado, patrocinaram a construção de um anexo com salas para a administração, biblioteca e com estacionamento coberto no fundo do prédio. Obras realizadas, em 1990, pela construtora consorciada Akio.

2 • O arquiteto Themístocles de Menezes Neto, filho do construtor e meu ex-aluno, guardava um dossiê com fotos tomadas durante as obras e um álbum com dez croquis do pintor Newton Silva com perspectivas dos novos espaços museográficos, que foram de seu pai. Sugeriu, e ele acatou, a doação dessa documentação a esta academia.





Mesmo assim, a Academia se ressentia de um auditório maior, com ar-condicionado e elevador capaz de ligar os três níveis do prédio. Essas obras foram projetadas por este autor, em 1997. Com essas mudanças de usos, o pavimento nobre não sofreu nenhuma alteração, mas o primeiro andar do prédio foi totalmente modificado. Resumindo, pode-se dizer que o Palacete Góes Calmon é colonial, eclético por fora e contemporâneo por dentro.

Paulo Ormino de Azevedo

Além das peças de arte integradas já descritas, o Palacete Góes Calmon reúne um rico acervo de móveis, telas, especialmente retratos de Presciliano Silva e Alberto Valente, biscuits, pratos brasonados doados pelo dr. Jorge Calmon e da mais rica coleção de livros sobre a literatura e a arte baiana. Por todas essas razões, a Diretoria da ALB solicitou o tombamento estadual do Palacete Góes Calmon ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA) e municipal à Fundação Gregório de Matos, em 2021.

Graças a esses processos de tombamento, estamos agora podendo restaurar, com a ajuda fundamental da Caixa Econômica Federal, através do Projeto Rouanet, todas as esquadrias da nossa sede, cuja última grande intervenção de conservação foi feita em 1967.





PAULO ORMINDO DE AZEVEDO é arquiteto e urbanista pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com doutorado em conservação de monumentos pela Universidade de Roma La sapienza (1970). É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e escritor. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1999. Recebeu a Medalha Mário de Andrade, do IPHAN, em 2017; e a Medalha Edgar Graff, do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BR), em 2019. É autor de livros em sua especialidade e de projetos de restauração. Publicou, como organizador, o livro *Thales Azevedo, a arte de escrever e pintar* (Edufba, 2015), *A memória das pedras: contos e crônicas* (ALBA, 2017) e *Navegação Errante: Memórias de Viagens* (Mondrongo, 2021). Desde 1991, ocupa a Cadeira nº 2 da Academia de Letras da Bahia.

Paulo Ormindo de Azevedo

REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. A influência italiana na modernidade baiana: o caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro. *19&20*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, out. 2007. Disponível em: www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_fs_vnaj.htm.

AZEVEDO, Paulo Ormindo de. A arquitetura e o urbanismo da nova burguesia baiana. In: JORDAN, Katia Fraga (org.). *De Villa Catharino a Museu Rodin Bahia: um palacete baiano e sua história, 1912-2006*. Salvador: Solisluna, 2006. p. 58-81.

AZEVEDO, Paulo Ormindo de. As moradas das letras baianas. In: HOISEL, Evelina et al. (org.) *Academia de Letras da Bahia: um século de história*. Salvador: Edufba: ALB, 2018. p. 191-217.

AZEVEDO, Paulo Ormindo de (coord.). *IPAC-BA: Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*. 2. ed. Salvador: Secretaria de Industria, Comercio e Turismo, 1974. v. 1, Monumentos do município de Salvador.

BOAVENTURA, Edivaldo. *O Solar Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2004.

CALAZANS, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época, 1912-1967*. Salvador: Museu Eugenio Teixeira Leal: Memorial do Banco Econômico, 1991.

FLETCHER, Banister. *A history of architecture on the comparative method*. 4. ed. London: B.T. Batsford Ltd., 1948.

GODOFREDO FILHO. A influência do ecletismo na arquitetura baiana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, DF, n. 19, p. 15-27, 1984.

GORDILHO, Osvaldo. *200 anos da família Gordilho*. Salvador: [s. n.], 1993.

PEREIRA, Manuel Passos. *História do bairro de Nazaré: uma experiência participativa*. Salvador: Funceb, 1994.

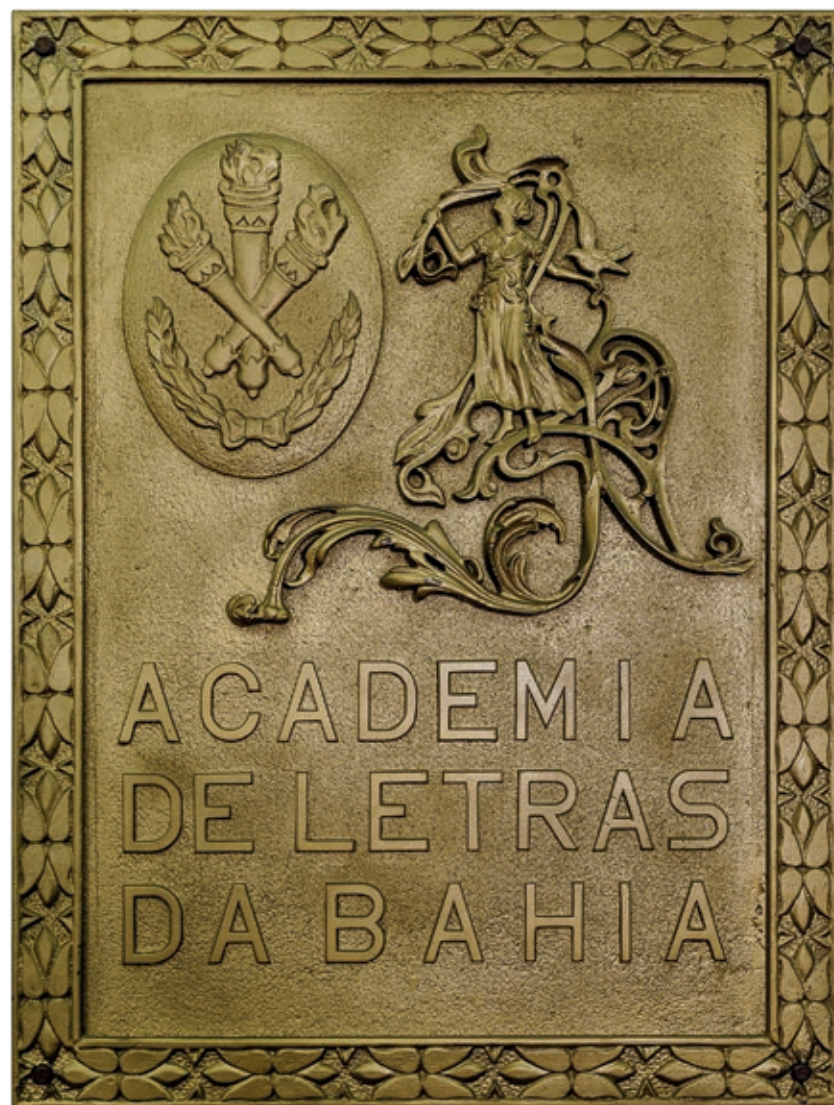
ROCHA, Carlos Eduardo da. *Azulejaria da Casa Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1993.

SÁ, Salma Dias Almeida. Pasquale de Chirico, o romantismo e neoclássico em suas esculturas a partir de uma análise formal, estilística e iconográfica. *Revista de Arte Ohun*, Salvador, n. 5, [2010]. Disponível em: www.revistaohun.ufba.br/pdf/salma.pdf. Acesso em: 10 abr. 2017.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX*. Salvador: Odebrecht, 2005.

SENNA, Francisco. Apresentação. In: FRAGOSO, Arlindo. *O espírito... dos outros: crônicas modernas (história, arte e crítica)*. Salvador: Edufba, 2015. Edição fac-similar.





A CASA DAS LETRAS

Cyro de Mattos

Esta casa é meu tempo
onde reside a memória.
Esta casa é meu tempo
que não vai embora.

Esta casa é o que sou
onde estou na história
onde dorme minha razão
com a emoção enlaçada.

Um sol que me aquece
na sua hora afortunada.
Chuva a irrigar a fala,
lua a fecundar a palavra.

Esta casa com suas vozes,
de ânsia e sonho arquitetada,
cidadela de estações frutíferas
eis o vento às esperanças.

Esta casa é a minha casa,
de todos que têm essa rosa,
por onde pétalas trescalam
nesta casa onde a alma flora.

CYRO DE MATTOS é escritor e poeta. Autor de 71 livros pessoais, de diversos gêneros. Premiado no Brasil e exterior, editado também em Portugal, Itália, França, Cuba, Alemanha, Espanha e Dinamarca. Conquistou o Prêmio Literário Casa das Américas em 2023. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Desde 2016, ocupa a Cadeira nº 22 da Academia de Letras da Bahia.

A preservação do Palacete Góes Calmon

Ordep Serra



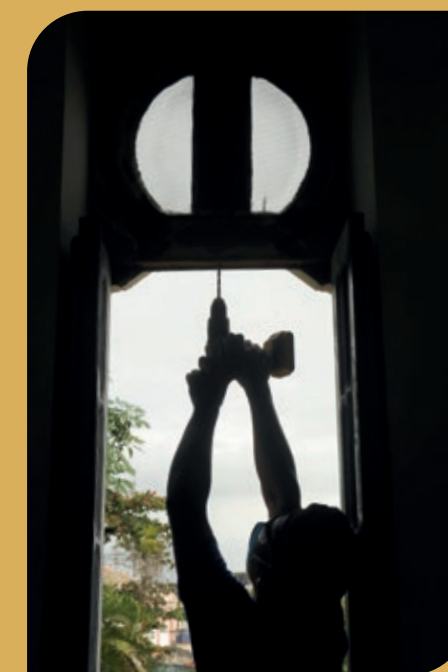
Quando o Governo do Estado da Bahia fez a doação do Palacete Góes Calmon à Academia de Letras da Bahia (ALB), deu-lhe um belo presente, de valor inestimável, mas ao mesmo tempo lhe transferiu um ônus muito grave. Uma associação sem fins lucrativos que não tem recursos próprios suficientes para manter-se passou a ser responsável pela conservação de um valioso imóvel, de um monumento ligado à história de Salvador, da Bahia e do Brasil. Sozinha, a ALB não pode dar conta desta responsabilidade. Em 2021, assim que assumi o honroso cargo de Presidente desta centenária instituição, dei-me conta de que uma providência precisava ser tomada a fim de comprometer de um modo mais direto e efetivo os órgãos governamentais com a conservação de nossa sede. Considerando o valor da dádiva que nos fora feita e a gravidade do ônus correlato, propus ao plenário acadêmico que solicitássemos o tombamento do valioso imóvel como patrimônio histórico do município de Salvador e do Estado da Bahia. Obtida aprovação unânime da proposta, encaminhei à Fundação Gregório de Matos e ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural o pedido de registro do Palacete Góes Calmon (com suas bibliotecas, seu rico acervo de obras de arte e seu arquivo) nos livros de Tombo Histórico do Município de Salvador e do Estado da Bahia. O pedido teve o respaldo de uma exposição de motivos feita por uma das maiores autoridades do Brasil em matéria de patrimônio, o arquiteto Paulo Ormindio de Azevedo. Ao seu laudo foram anexadas, além da documentação pertinente, plantas físicas e digitalizadas, mais um novo levantamento fotográfico, realizado *pro bono* pela fotógrafa Lúcia Sampaio. Recebida a notificação da abertura dos competentes processos, a ALB pôde, desde logo, reivindicar a ajuda das referidas instituições no duro trabalho de conservação do imóvel. Algumas obras foram realizadas na área do Palacete Góes Calmon por órgãos da Prefeitura Municipal de Salvador e do Governo do Estado da Bahia justamente com fundamento nessa alegação.

O estado precário da sede da nossa Academia continua sendo um desafio que o atual Presidente está enfrentando com muito empenho. Em todo caso, posso dizer que, em minha se-

gunda gestão à frente da ilustre casa, foi realizada a primeira obra de restauração no Palacete Góes Calmon desde que este passou a ser sede da ALB.

Não foram poucos os reparos emergenciais feitos no nobre edifício. A Diretoria de 2021-2023 assumiu com o Palacete Góes Calmon fechado por causa da pandemia. O estado de conservação do imóvel, que já não era bom, fez-se mais precário. Um rombo no telhado, na área do anexo, provocou uma pequena cachoeira que alagou a área da copa e imediações. Graças ao socorro do senador Jaques Wagner, foi possível um conserto emergencial. Mas o teto seguiu sendo objeto de pequenas intervenções (substituição de telhas e coisas que tais). Foi também preciso recompor o soalho do antigo depósito de livros, consertar paredes danificadas no palacete etc. O triste estado em que se encontravam nossos preciosos painéis de azulejos e o desaprumo de um muro lateral que, segundo o confrade Paulo Ormino, estava para desabar, manifestavam uma evidência irretorquível: vem de longe o mau estado da nossa sede. Como acima ficou dito, o atual Presidente da ALB, Doutor Aleilton Fonseca, ainda luta com esses problemas e tem com frequência divulgado sérios reparos que promove no edifício.

Uma consequência importantíssima do processo de tombamento diz respeito à segurança do acervo do imóvel. Sucede que a ALB não tem vigilantes em seu quadro de funcionários, nem dispõe de recursos com que possa contratá-los. Por esse motivo, o Palacete Góes Calmon sofreu por três vezes (duas em 2023 e uma em 2024) invasão de meliantes, com depredação e furtos. A polícia concluiu que esses ataques foram obra de drogaditos aglomerados nas cercanias, interessados em apoderar-se de objetos de metal, que habitualmente trocam por dinheiro para compra de narcóticos. Tanto a Polícia Civil como a Militar descartaram a possibilidade de reaver o roubado. Da Secretaria da Cultura do Estado da Bahia veio o socorro: hoje o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural provê a vigilância que tem evitado novos ataques à nossa sede. Mas logo verificamos que outras providências precisavam ser tomadas. O estado precário das portas e janelas do Palacete Góes Calmon era notório. Elas se mostraram muito



Restauro das portas e janelas em 2025.

fáceis de arrombar. As janelas do palacete e do anexo revelaram-se excessivamente receptivas às águas da chuva. Seu desgaste contribui para gerar danos. Tendo-o constatado, encaminhei um projeto de restauro das esquadrias do palacete à Caixa Securitária, com quem a ALB veio estabelecer um promissor vínculo de patrocínio. Outras medidas de restauro e proteção do palacete são necessárias, a começar pela reforma do teto da edificação. O tombamento constitui um atrativo para os patrocinadores. Impõe-se buscá-los e concorrer a editais. Mas, para consegui-lo, é preciso apresentar projetos técnicos. Essa demanda continua.

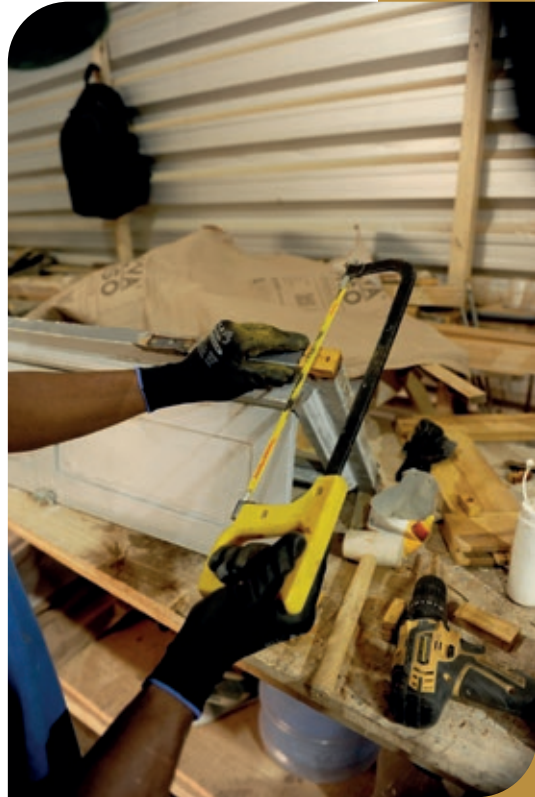
O restauro dos painéis de azulejos que ornaram Palacete Góes Calmon foi feito com recursos da Prefeitura Municipal de Salvador, disponibilizados através do edital Jaime Sodré, da Fundação Gregório de Matos. A ALB concorreu e venceu.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre patrimônio. O instituto do tombamento não equivale a uma mumificação. Consumado o registro do Palacete Góes Calmon nos livros de tomo do Estado da Bahia e do Município de Salvador, melhorias e reformas poderão ser feitas no edifício principal e no anexo, desde que não desfigurem a constituição original do monumento e não descaracterizem o palacete. A ALB deverá submeter aos órgãos responsáveis do Estado e do município os projetos que quiser realizar com esse fim. Poderá também contar com o apoio das referidas instituições governamentais. E terá mais facilidades na busca de patrocínios.

O acervo artístico da ALB não deve diminuir. Mas pode crescer. E de fato cresceu nos últimos anos, graças a doações de consagrados artistas baianos. Assim se constituiu a Galeria ALB Juarez Paraíso, primeiro virtual e depois instalada em suporte físico, formando uma exposição flutuante nas paredes de uma das salas do palacete. No processo, a galeria dos presidentes foi transferida para o Auditório Magalhães Neto, área nobre onde também se encontram as placas de bronze com os nomes dos fundadores da instituição, dos patronos das cadeiras ocupadas pelos acadêmicos e dos membros da Academia Brasílica dos Esquecidos, an-

tecessora cujo reconhecimento como parte de nossa história nos enobrece. A transferência dos retratos foi feita com a orientação museológica de nossos conselheiros Angela Petitinga e Erickson Brito, cuja perícia é bem conhecida e louvada em todo o Brasil. A parede em que as fotos se achavam antes foi objeto de intervenção com vistas a reparo de danos causados por infiltração. Uma rachadura o evidenciava. É fácil ver que o lugar onde agora os retratos presidenciais se encontram dá mais espaço para expandir a série. Os retratados não sofreram com a mudança nenhuma *deminutio capitis*. Tampouco se pode dizer que foi violada qualquer norma acadêmica. Nem o Estatuto nem o Regimento Interno da ALB determinam em que parede as fotografias ilustres devem ser expostas. Mas a atual instalação da Galeria ALB Juarez Paraíso é reconhecidamente provisória: ainda devem ser realizados estudos e tomadas providências que lhe garantam espaço adequado. Em todo caso, a ALB foi enriquecida: obras de grandes artistas baianos contemporâneos passaram a integrar o acervo da instituição e embelezam mais ainda o Palacete Góes Calmon. É consenso que a ALB não pode ignorar a arte baiana contemporânea, desprezá-la ou manter-se alheia a ela. Seria contraditório com o espírito da casa. No artigo 1º do seu estatuto, a ALB se compromete com a preservação da memória cultural baiana e com o estímulo às artes e ciências.

Sobre o Solar Góes Calmon, sua história, sua arquitetura e seus usos, há documentos valiosos. Cabe citar com destaque um obra dada a público pela Editora da Universidade Federal da Bahia em 2018, no contexto das celebrações do Centenário da ALB, festejado no ano anterior. No preparo e edição dessa obra, empenharam-se, além da então presidente Evelina Hoisel, outros acadêmicos ilustres, a saber: Aramis Ribeiro Costa, Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro, Edivaldo Boaventura, Paulo Ormindio de Azevedo, Roberto Figueira Santos, Suzana Alice Marcelino Cardoso. Acham-se nela referências muito valiosas ao histórico da ilustre casa, além de uma descrição esquemática – enriquecida com plantas e fotografias – do seu conjunto monumental. Merecem destaque nesse volume as páginas assinadas pelo saudoso





Restauro das portas e janelas em 2025.

Edivaldo Boaventura, evocando o funcionamento do palacete, primeiro como residência de um governador, depois como museu e, por fim, como sede da ALB.

A Edivaldo Boaventura também se deve o precioso livro intitulado *O Solar Góes Calmon*, dado a público em 2004. Na presente publicação, outros eruditos tratam da história do solar, de sua configuração espacial, de sua arquitetura, das obras de arte que compõem o acervo da casa, de seu valioso arquivo e de sua biblioteca. O leitor desejoso de aprofundar-se no assunto poderá também recorrer aos dossiês apresentados ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural e à Fundação Gregório de Matos, informando os respectivos processos de tombamento.

Vou limitar-me nesta breve nota a uma reflexão sobre a importância que tem esse solar para a salvaguarda da memória da cidade, do estado e do país. Quando falo dessa edificação, outrora residência de um estadista que lhe deu o nome, depois sede do Museu de Arte da Bahia e agora abrigo da ALB, ou seja, da mais antiga instituição brasileira do seu gênero (pois suas raízes remontam à pioneira Academia Brasileira dos Esquecidos), costumo dizer que a história do Brasil passou por aqui. Com efeito, nesse espaço conviveram, ao longo de um século, expoentes da cultura nacional: não só escritores de renome como também grandes jornalistas, juristas, cientistas sociais, historiadores, estadistas, professores e figuras de destaque em diferentes ramos do saber.

Hoje a instituição que ocupa o solar abriga também nomes consagrados nas artes plásticas e cênicas, assim como na música e filosofia. Não se limita à conservação de valores do passado. O Solar Góes Calmon é um equipamento cultural valioso em muitos sentidos. Sob seu teto transcorrem recitais, palestras, seminários, oficinas, debates, lançamento de livros, cursos e conferências sobre arte, literatura, psicanálise, filosofia, historiografia, direito, jornalismo, ciências sociais, enfim, sobre diversos temas relevantes no campo da cultura, sem esquecer assuntos de alto interesse social, como o combate à fome, ao racismo, ao sexismo e à discrimi-



nação de grupos minoritários. Foram criados recentemente os Seminários Arte e Pensamento, que promoveram o diálogo acadêmico com artistas e escritores indígenas, quilombolas e LGBTQIA+. Todas essas atividades são abertas ao público e gratuitas. Convênios com entidades como o Instituto das Juristas Negras e o Instituto da Reparação mostram a abertura da Academia aos movimentos sociais.

No Solar Góes Calmon, reúne-se também a Associação Baiana de Artistas Plásticos e Visuais. Nele já sucederam leituras dramáticas e até um banca de doutorado sobre dramaturgia. Escolas públicas e outras frequentam o Palacete Góes Calmon em visitas guiadas. No solar, têm-se encontrado representantes de outras Academias baianas e brasileiras. Com base em um convênio com a Universidade Federal da Bahia, estudantes que recebem bolsas da ALB também se fazem presentes, desenvolvendo importantes trabalhos na biblioteca e no arquivo da instituição. O famoso solar tem acolhido ultimamente grupos artísticos da periferia de Salvador. O coletivo A Pombagem, com o qual a Academia celebrou um acordo de colaboração, já se apresentou com belos espetáculos no Solar Góes Calmon, que também já foi palco de *slam*. As manifestações artísticas populares também acontecem nesse espaço. Não há qualquer exagero em dizer que esse é, de fato, um patrimônio do povo baiano e brasileiro.

ORDEP SERRA é professor aposentado do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É antropólogo, pesquisador, professor, escritor, tradutor e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). Estuda Teoria Antropológica, Etnobotânica, Antropologia da Religião e Antropologia das Sociedades Clássicas. Publicou diversos artigos, ensaios e obras de ficção. Seu livro mais recente é *Alalá do Luaréu* (2017), que tematiza as linguagens de cordel e as várias oratórias baianas. Desde 2014, ocupa a Cadeira nº 27 da Academia de Letras da Bahia, tendo sido presidente de março de 2021 a março de 2025.



UMA CASA SOLAR E SUAS HISTÓRIAS

Décio Torres Cruz

Nasci no século XIX, três séculos atravessei.
Vivi tempos diversos, com ou sem lei.
Acumulei vários sons e vozes pelo ar
e tenho muita história para vos contar.

Comecei minha vida como um chalé na Rua Caquende
uma simples casa térrea que o tempo transcende;
e abriguei em minhas entranhas
Francisco e Julieta, e suas façanhas.

Esse jovem casal recém-casado
deixava muito amor extravasado
por todos os cantos de meu interior
nos idos de 1897 e seu fulgor.

Sim, eram tempos outros, e puro era o ar,
a vida passava bem mais lenta e menos traquina
do que agora de minhas janelas assisto desfilar
por esta avenida com nome de freira e heroína.

Com o bater das horas, tive que me expandir
para poder abrigar novos rebentos
que não paravam de crescer e surgir
até atingir o número dez, a contento.

Subi na vida e vi miragens
de alturas que me davam vertigens.
Ganhei novos ares, novo nome
e uma varanda com colunata que assome.

Após minha primeira reforma
passei a ser denominada sob nova forma.
E, hoje, muito pouca gente entende
por que me chamam Palacete do Caquende.

Havia um campo de futebol no meu quintal
e também uma escola experimental.

No escritório de Francisco, como num presságio,
antevendo o seu destino posterior,
filhos e amigos criaram um clube literário
por eles frequentado com muito louvor.

Mas a inusitada academia infantil
não sobreviveu ao primeiro embate juvenil:
o pandeló ou pão de Lot de D. Julieta
provocou discussão de gramática com sua treta.

Francisco era professor de geografia no Ginásio da Bahia,
mas também foi advogado financista com fidalguia;
tornou-se presidente de banco e governador
do estado onde nasceu e viveu com muito amor.

Apoiou a reforma escolar e viajou pelos sertões e seu entorno.
Após a Revolução de 30, teve de se exilar em Portugal,
mas problemas de saúde forçaram ao Brasil o seu retorno
para falecer em 1932 em sua terra natal.

Depois que perdi meu dono, virei pinacoteca e museu estadual
e me orgulhava de meu nome pomposo e monumental.
Mas o tempo, sempre ele, foi me consumindo,
minhas instalações se deteriorando, e minha alma se esvaindo.

Cheguei a pensar que não sobreviveria à ruína
e passei a temer por minha própria sina.

Fiquei bastante triste por minha grei
quando nosso acervo foi transferido e muito chorei.
Felizmente, outros parentes o abrigaram do vento:
Museu de Arte Sacra, depois o Carmo e seu convento.

Graças ao governador Luiz Viana Filho, fui reformada com alegria,
e em 1970 voltei a ser Museu de Arte da Bahia.
A partir de 1983, virei a Academia Baiana de Letras
revelando mais uma de minhas nobres facetas.

Por todo este tempo, sigo firme e garbosa,
propagando meu charme de mulher graciosa.
Abrigo uma fonte e vários bustos em meu jardim,
um deles de ferro-velho resgatado e plantado como um jasmim.

Alguns acadêmicos, como Edvaldo Boaventura
já contaram em livro a minha aventura.
Vários outros escreveram sobre minha vida em um século
para que minha luz solar não feneça num crepúsculo.

Aos 25 anos deste novo milênio
minhas portas, janelas e telhado pediram ajuda
e nova reforma exigiu parceria e convênio
para evitar uma doença fatal, com dor crônica ou aguda.

Sou uma senhora eclética, solar, antiga e bela
e tenho muito orgulho de minha história singela,
pois poucos tiveram o privilégio centenário
de conviver com personagens tão honorários.

Tenho muito orgulho do que fui, serei, e hoje sou
amo o presente, o futuro e tudo aquilo que passou.
Meu papel é reviver e construir a nossa história
para que nada se torne escombros ou escória.

São poucos os seres que foram pinacoteca,
também morada, museu, escola e biblioteca,
e culminaram sua existência acolhendo letras em uma academia
por isso canto e rogo aos quatro ventos com galhardia:

Se querem um país, estado ou cidade
com arte, cultura, educação, esperança e memória
cuidem bem de mim com prioridade
para termos um futuro em nossa trajetória.

DÉCIO TORRES CRUZ é escritor, crítico literário, tradutor, pesquisador e professor aposentado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro da Academia de Letras da Bahia, da Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro e da Academia Contemporânea de Letras de São Paulo. É Ph.D. em Literatura Comparada pela SUNY, Buffalo, Estados Unidos da América (EUA), com pós-doutorado em Londres. Tem diversas publicações em diferentes áreas. Além das várias antologias de conto e poesia da qual participa, é autor de diversos livros, entre os quais se destacam: *Viagens & travessias* (2025) e *A poesia da matemática* (2024).

Breve história do Palacete Góes Calmon: de residência a sede da academia

Aramis Ribeiro Costa



A casa em questão, sede da Academia de Letras da Bahia, tem por endereço a Avenida Joana Angélica, número 198, no bairro de Nazaré, em Salvador, e recebe o merecido título de Palacete Góes Calmon há mais de um século. Mas, nem sempre foi sede da Academia, nem sempre aquele local foi uma avenida, e houve um tempo em que estava longe de ser um palacete. Aquele ponto especificamente, que englobava as edificações que ficavam próximas à entrada da Rua da Poeira, era chamado pelo povo, muito antigamente, de Cova da Onça. Mas ali era o começo do Caquende, ou Garganta do Caquende, porque havia uma passagem estreita, que só permitia o tráfego de um carro de cada vez. O alargamento foi iniciativa do prefeito Aristóteles Góes que, em fevereiro de 1955, desapropriou todo um lado da rua, demoliu os imóveis e alargou o trecho que passou a fazer parte, mais tarde, da Avenida Joana Angélica. Isso fez com que o nome Caquende desaparecesse, como já havia desaparecido, anteriormente, Cova da Onça.

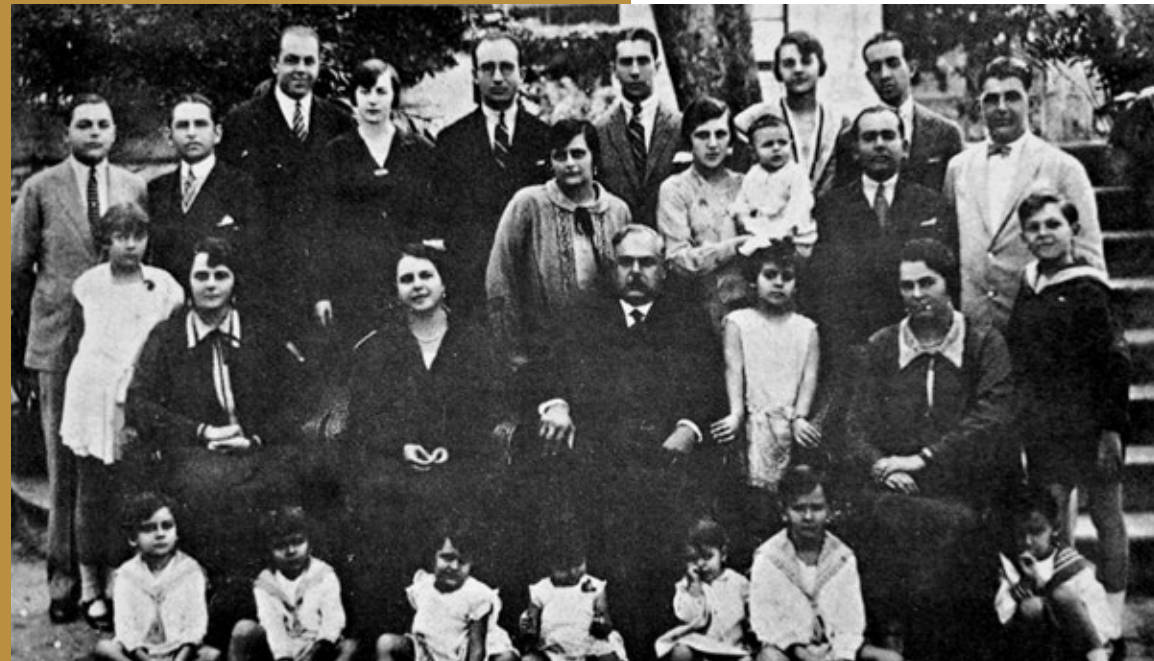
A primitiva casa, existente no século XIX, naquele ponto, era um chalé térreo em meio a um vasto terreno, praticamente uma chácara, e pertenceu ao advogado e político Inocêncio Marques de Araújo Góes Júnior, tio materno e pai adotivo de Francisco Marques de Góes Calmon, que dele recebeu aquele imóvel, passando a habitá-lo a partir do dia do seu casamento com Maria Julieta Maia, em 19 de março de 1897, ano em que também morreu o seu tio e pai adotivo. Embora ainda distante do poder político que teria três décadas depois como governador da Bahia, Francisco Marques de Góes Calmon, advogado, professor e financista, diretor-presidente do Banco Econômico da Bahia, tornou-se bem cedo muito próspero e importante. Do tio e pai adotivo, além desse presente de núpcias, herdou um considerável patrimônio, coleções de arte e o gosto requintado de colecionador. Eram pinturas, prataria, louça das Índias, alfaias e móveis antigos. E o chalé do Caquende tornou-se pequeno para a numerosa família que se formou, com dez filhos; pequeno também para as coleções de arte que foram bastante aumentadas e, naturalmente, para a importância do proprietário. Em

vista disso, Góes Calmon contratou como construtor – na verdade um bacharel em ciências jurídicas e sociais que se tornou empresário da construção civil – Pedro Velloso Gordilho, por cem contos de réis, não para uma simples reforma ou mesmo uma ampliação daquele imóvel, mas uma reconstrução, obra que durou cerca de um ano, de 1918 a 1919.

Desse modo surge o solar, ou o palacete, pois já começou a ser chamado dessa maneira, com um grande portão de ferro de entrada, jardins bem cuidados, entrada lateral, balcões de alvenaria, escadaria de mármore, três pavimentos etc.

Sendo apreciador e colecionador de arte antiga, o que fazia dele – além de sua elevada educação e reconhecida cultura – um homem esteticamente requintado e exigente, Francisco Marques de Góes Calmon esmerou-se no seu palacete. O requinte e o bom gosto não estavam apenas na estrutura do imóvel e nos espaços ocupados. A casa era ostentação por fora e por dentro. O proprietário aplicou-se no adorno e no recheio de tudo aquilo, já desde aquele tempo com uma nítida intenção museológica. Além de suas coleções de arte antiga, que ali foram arrumadas e expostas, fez uso de peças e ornamentos de grande efeito, tanto externamente, no jardim circundante, quando no interior do casarão. Na parte externa, destacavam-se um chafariz em ferro fundido e uma fonte emoldurada por portentoso frontão barroco com a data de 1817; e, no interior, painéis de azulejo figurados do século XVIII, que para ali foram cuidadosamente transferidos.

Com esses requintes, o Palacete do Caquende foi solenemente inaugurado no dia 19 de março de 1919 – notem a reincidência do mês de março –, tendo como motivação o casamento da filha mais velha do proprietário. Entretanto, tirando a fase do chalé, o tempo em que o novo prédio serviu como residência da família situa-se de 1919 a 1943 – sendo seu período áureo aquele que vai do ano da inauguração até 1930, quando ocorreu a revolução que resultaria no longo poder de Getúlio Vargas –, e o ex-governador exilou-se em Portugal, fazendo-se



Família Goes Calmon

Breve história do Palacete Góes Calmon

acompanhar da mulher e dos filhos menores. Lá foi acometido de um acidente circulatório, o que o fez regressar à Bahia e o levou à morte em 29 de janeiro de 1932, aos 57 anos de idade. A partir de 1930, pois, os salões do luxuoso Palacete do Caquende já não mais se abriram, suas luzes não se acenderam para as grandes festas, embora ali continuasse residindo a família. Foram, portanto, apenas onze anos de grande evidência para o palacete, mas tempo suficiente para torná-lo, no dizer de José Calasans, “um dos mais brilhantes salões da cidade”. Pode-se acrescentar: um dos locais de maior prestígio político da Bahia.

Após a morte de Góes Calmon, seguiu-se o período que foi de 1932 a 1943, mais onze anos. A casa do Caquende tornou-se excessivamente grande para os moradores que restaram: a viúva e os dois últimos filhos do casal, além de empregados. E a família, incluindo todos os filhos, genros e noras, decidiu que o melhor seria desfazer-se do imóvel. Entretanto, queria vender não apenas o imóvel, mas todo o conjunto – casa e coleções – sem separá-los, para que juntos permanecessem. Tal pensamento ajustava-se ao desejo de Góes Calmon de que um dia tudo aquilo se tornasse um museu, o que era não apenas louvável do ponto de vista da preservação do patrimônio arquitetônico, cultural e artístico, mas também comercialmente vantajoso para a família proprietária. Por outro lado, dificultava a negociação.

O imóvel e o acervo foram postos à venda. Proposta a compra ao Estado da Bahia, o interventor Juracy Montenegro Magalhães manifestou interesse pela aquisição, mas pediu tempo para obter os recursos necessários, o que mostra que não era pequeno o valor estabelecido. Veio o Estado Novo, em 10 de novembro de 1937. Juracy Magalhães afastou-se do governo e os entendimentos até ali mantidos foram suspensos. Seguiram-se alguns anos nos quais a família, sem desistir da transação com o estado, tentou algum comprador particular, mas resultou sem êxito. Na esfera oficial, que era o propósito mais almejado, também nada foi alcançado nas interventorias de Antônio Fernandes Dantas – muito curta, de apenas quatro meses e alguns dias – e Landulpho Alves de Almeida. Até que, em 1943, com o interventor



general Renato Onofre Pinto Aleixo e a intermediação do prefeito de Salvador, o engenheiro e professor Elísio de Carvalho Lisboa – que era um colecionador –, o imóvel e as coleções foram adquiridos conjuntamente pelo Estado da Bahia.

Não há dúvida de que a intenção de Pinto Aleixo, ao adquirir o palacete e o acervo, concor- dava com o desejo da família, que era o de fazer daquele conjunto um museu ou – o que acabou acontecendo – abrigar ali, anexando novo material, um museu já existente. Havia um museu que podia ser transferido para aquela nova propriedade, desde que o imóvel fosse devidamente adaptado: a Pinacoteca e Museu do Estado. À época vinculado à Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública, seu acervo incluía o que restara da famosa coleção Jonathas Abbott, com pinturas entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do sé- culo XIX, além de coleções outras de etnologia, história, ciências naturais e numismática.

Funcionava, esse importante e pioneiro museu baiano, no Solar Antônio Pacífico Pereira, na cabeceira do Campo Grande. Um belo imóvel, mas que se tornara exíguo para a finalidade que se propunha, sendo mais insuficiente ainda para acolher as coleções recém-adquiridas à família Calmon, se para lá se desejasse transferi-las. A solução, pois, era fazer o inverso: concentrar tudo no Caquende. Porém, naqueles onze anos após a morte de Góes Calmon, o Palacete do Caquende havia sofrido um grande desgaste. O governo da Bahia não hesi- tou: partiu para os reparos e modificações necessárias na antiga residência, o que durou três anos. Algumas paredes internas, nos três pavimentos, foram eliminadas, para proporcionar um melhor e mais adequado espaço para a exposição das peças e o funcionamento do órgão público. A inauguração solene – preservando-se a denominação Pinacoteca e Museu do Es- tado e mantendo-se também, como diretor, o bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, his- toriador e crítico de arte José Antônio do Prado Valladares – deu-se no dia 2 de julho de 1946, nas comemorações oficiais da grande data baiana. Governava a Bahia durante esse tempo, na condição de interventor, o bacharel e professor Guilherme Carneiro da Rocha Marback.

Assim, o Palacete Góes Calmon, como queria o seu antigo e mais notável proprietário, e de- pois a família, tornava-se oficialmente um museu, guardião e expositor de preciosas cole- ções, unindo, ademais, num mesmo espaço, dois famosos colecionadores: Jonathas Abbott e Francisco Marques de Góes Calmon.

A exposição aberta ao público dava-se em dois pisos: o térreo, ou primeiro; e o segundo, ou terceiro ou então último, a depender da nomenclatura usada para cada pavimento, mantem- do-se o porão-alto como gabinete do diretor e biblioteca, acrescentando apenas a secretaria, ou seja, conservando praticamente as mesmas funções do tempo de residência.

Aqueles anos que se seguiram à inauguração deram oportunidade a José Valladares de classi- ficar as coleções e adquirir novas peças, particularmente quadros de pintura, para a Pinacote- ca e Museu do Estado. Esse competente diretor, que se tornou um respeitado especialista em museus e promoveu eventos que chamaram a atenção para a arte na Bahia, ficou à frente da instituição por mais treze anos, até o dia 22 de dezembro de 1959, quando perdeu a vida num desastre aéreo que chocou o país e que ficou conhecido como desastre aéreo de Ramos. Isso aconteceu quando era governador da Bahia, a partir daquele início de ano, Juracy Magalhães, dessa vez não como interventor mas como governador eleito em sufrágio universal. Portanto, o mesmo governador que, na condição de interventor, primeiro interessara-se pela compra do conjunto, palacete e acervo Góes Calmon, e que também, entre outras mudanças administra- tivas, estabelecera a denominação ainda vigente para aquele museu.

Sucedeu a José Valladares na direção da Pinacoteca e Museu do Estado, o poeta, crítico de arte e futuro acadêmico Carlos Eduardo da Rocha.

No início dos anos 1960, o vasto terreno aos fundos do palacete foi desmembrado da pro- priedade para que nele fosse erguida a Escola Estadual Eduardo Bizarria Mamede, con- servando o museu apenas um pátio interno para estacionamento. Embora houvesse uma

preciosa perda de espaço, isso não alterou a função do museu. Entretanto, os anos após o desaparecimento de José Valladares e sob a direção de Carlos Eduardo da Rocha, já a partir de Juracy Magalhães, foram também anos de um novo desgaste no Palacete Góes Calmon, particularmente uma acentuada decomposição do último andar, o que punha em risco não apenas o próprio imóvel, mas as preciosidades que ele abrigava.

Em meados dos anos 1960, no governo de Antônio Lomanto Júnior, já sem condições de ali permanecer a Pinacoteca e Museu do Estado, houve a necessidade de retirada de todo o acervo. O velho Solar Antônio Pacífico Pereira, no Campo Grande – a antiga sede –, já não existia. Em seu lugar, erguia-se o que restara do monumental Teatro Castro Alves, silencioso e destruído pelo incêndio de 1958, à espera da reconstrução e da reinauguração que só iria acontecer no final daquele governo. As coleções tiveram de ser abrigadas no Museu de Arte Sacra da Bahia, que estivera em ruínas e fora restaurado também em 1958 pela Universidade Federal da Bahia, mediante convênio com a Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Mas foi por pouco tempo. Dali as peças da Pinacoteca e Museu do Estado seguiram para o Convento do Carmo que, apesar dos esforços de Carlos Eduardo da Rocha, não conseguiu dispor de condições adequadas àquela inesperada função. A solução, àquela altura, parecia ser mesmo a recuperação do Palacete Góes Calmon e o retorno do museu ao imóvel. Porém, a despeito das reivindicações do diretor do museu, que tinha, sob sua responsabilidade, tanto as coleções quanto o palacete agora esvaziado, isso só foi alcançado no governo seguinte ao de Lomanto: o do advogado, professor de direito, político, escritor, biógrafo e duas vezes acadêmico – da Academia Brasileira e da Academia de Letras da Bahia – Luís Viana Filho.

Além de suas qualidades como homem de cultura, Luís Viana Filho tinha uma particular ligação com o Palacete Góes Calmon. Amigo e colega de Francisco Marques de Góes Calmon Filho, na adolescência frequentara aquela casa, vira-a e sentira-a no auge de sua função residencial. E decidiu restaurar todo o imóvel. Com esse propósito, pensou inicialmente em

abertura de concorrência, como estabelecia a lei. Porém, foi desaconselhado. Tratava-se de prédio construído com requintes artísticos, o que exigia conhecimento técnico especializado, além de determinados cuidados, não cabendo, pois, a concorrência, e sim a administração direta da obra. Em vista desse aconselhamento, o governador contratou o engenheiro e construtor Aderbal Menezes, que além de sua reconhecida capacidade, trazia a vantagem de ter igualmente conhecido bem a casa, quando propriedade da família.

A obra que se fez, foi, na verdade, bem mais que uma simples restauração. O velho solar, um palacete que já representava uma rica história, foi praticamente reconstruído. Do antigo prédio, restou apenas a estrutura externa. As paredes interiores de adobe foram todas removidas, quartos e outros cômodos menores foram retirados para a criação de amplas salas mais apropriadas às exposições, acrescentaram-se áreas de circulação nos dois pisos superiores e criou-se, por sugestão do diretor Carlos Eduardo da Rocha, uma segunda varanda lateral em colunata no segundo andar – em cima da que já existia no primeiro –, da mesma extensão e formato da anterior. Esse acréscimo fez com que o aspecto exterior do palacete modificasse um pouco, mas não fez com que perdesse as linhas anteriores, mantendo e até acentuando o aspecto imponente da construção. Naturalmente, foram feitas lajes de sustentação, que não existiam, e novos materiais foram empregados, particularmente o concreto armado.

“O requinte e o bom gosto não estavam apenas na estrutura do imóvel e nos espaços ocupados. A casa era ostentação por fora e por dentro. O proprietário aplicou-se no adorno e no recheio de tudo aquilo, já desde aquele tempo com uma nítida intenção museológica.”

Enquanto a grande obra era levada a efeito no Palacete Góes Calmon, outro trabalho foi desenvolvido. A Pinacoteca e Museu do Estado era um museu eclético, e o governador Luís Viana Filho quis separar as coleções, dando oportunidade ao surgimento ou enriquecimento de vários museus especializados. As coleções foram ordenadas por especializações, e alguns museus foram criados. Assim, surgiu o Museu de Arte Moderna da Bahia, o Museu do Recôncavo Wanderley Pinho e o Museu de Arte da Bahia, esse a ser instalado no Palacete Góes Calmon.

Criado por decreto do governador Luís Viana Filho, tendo Edivaldo M. Boaventura na Secretaria de Educação e Cultura e Carlos Eduardo da Rocha na direção – cabendo-lhe organizar a exposição do acervo e também o primeiro catálogo –, a inauguração solene do Museu de Arte da Bahia deu-se no Palacete Góes Calmon inteiramente reconstruído, no dia 6 de novembro de 1970, data escolhida por ser a do nascimento de Francisco Marques de Góes Calmon.

Seguiu-se um novo período para o palacete de mais doze anos, de 1970 a 1982, então como Museu de Arte da Bahia. Em 1976, no governo de Roberto Santos – após dezessete anos de direção e com relevante folha de serviços prestados –, Carlos Eduardo da Rocha foi exonerado, sendo designada para sucedê-lo a museóloga Ana Lúcia Uchoa Peixoto, que dirigiu o museu de 1976 a 1979. Sucedeu-a o decorador e crítico de arte José de Souza Pedreira, que atuou de 1979 a 1981, passando a direção para o artista plástico Emanuel Araújo.

No segundo governo de Antônio Carlos Magalhães, iniciado em 15 de março de 1979, houve empenho do governador em concentrar os órgãos públicos e administrativos da competência do estado no Centro Administrativo da Bahia, realocando outros, de outra natureza, para locais mais apropriados. Retirou a Secretaria de Saúde do Palácio da Vitória – na Avenida Sete de Setembro, trecho do Corredor da Vitória, onde estivera por tantos anos –, instalou-a em sua nova sede no Centro Administrativo e destinou o antigo prédio, que entrou em grande reforma com o objetivo de adaptá-lo à nova função, para ser o Museu de Arte da Bahia, ainda no Palacete Góes Calmon.



*“o merecido título de ‘Palacete’
já não vem apenas de suas formas nobres e belas,
de sua imponência e dos preciosos ornamentos
que oferecem à apreciação pública, mas também
de sua rica história de grandes serviços
à sociedade e à cultura baiana”*

Coincidiu, toda essa movimentação, com a necessidade que a Academia de Letras da Bahia teve de obter uma nova sede própria, em razão de estar a sua sede no Terreiro de Jesus precária e insuficiente. Foram os acadêmicos, em 1981, tendo à frente o seu presidente Cláudio Veiga, o ex-presidente Jorge Calmon e o ex-governador Luís Viana Filho, fazer essa solicitação ao governador Antônio Carlos Magalhães. Disso, resultou a doação do Palacete Góes Calmon – que ficaria esvaziado com a saída do Museu de Arte da Bahia – para sediar a Academia de Letras da Bahia.

No dia 5 de novembro de 1982, foi inaugurada a nova sede do Museu de Arte da Bahia no Palácio da Vitória. O Palacete Góes Calmon, já doado à Academia por decreto do governador e aprovação da Assembleia Legislativa da Bahia, entrou em obras cujo objetivo era restaurá-lo e adaptá-lo para tornar-se sede da Academia de Letras da Bahia. Foram feitos dois auditórios, um deles maior que o outro, e destinados recursos para a compra de móveis, estantes, tapetes e outros bens necessários para equipar a nova sede, que foi solenemente inaugurada no dia 7 de março de 1983 – mais um março –, quando a Academia completava 66 anos de existência.

Como sede da Academia de Letras da Bahia, sua destinação atual e definitiva, o Palacete Góes Calmon sofreu ainda três grandes intervenções, além de inúmeros reparos e obras de manutenção. Em 1990, sob patrocínio das construtoras Suarez e OAS, construiu-se o pavilhão ao fundo – em seguimento ao imóvel antigo da sede e em torno do pátio interno – para abrigar a Biblioteca e o Arquivo, ocorrendo a inauguração em 21 de maio. De 1998 para 1999, com patrocínio da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, executou-se um projeto – elaborado pelo acadêmico e arquiteto Paulo Ormino David de Azevedo – de ampliação e modernização do Auditório Magalhães Netto, com a climatização central dos dois auditórios e instalação de um elevador contemplando os três pavimentos, ocorrendo a inauguração solene em 23 de abril. Em 2019, primeiro ano da presidência do acadêmico Joaci Góes, com recursos dele próprio, construiu-se a ampliação da Biblioteca, do Arquivo, do depósito e de novos espaços para outras atividades; tudo isso sem que o Palacete Góes Calmon perdesse as características do projeto original, do início do século XX, apresentando ainda um aproveitamento maior e mais adequado às suas finalidades.

Desse modo, o merecido título de “Palacete” já não vem apenas de suas formas nobres e belas, de sua imponência e dos preciosos ornamentos que oferecem à apreciação pública, mas também de sua rica história de grandes serviços à sociedade e à cultura baiana, por meio de instituições que honraram e honram a Bahia.

ARAMIS RIBEIRO COSTA é baiano de Salvador, de 1950, autor de mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles os romances: *Uma varanda para o jardim* (1993), *O corpo caído no chão* (2018) e *As meninas do coronel* (2020), sendo o seu mais recente livro de contos o volume *Incêndio na fábrica de móveis* (2024). Foi membro efetivo do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, é sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e membro titular do Instituto Genealógico da Bahia. Desde 1999, ocupa a Cadeira nº 12 da Academia de Letras da Bahia, tendo sido presidente de março de 2011 a março de 2015.



SOL DO SONHO

Heloísa Prazeres

I

Por que não aguardamos o verão?
Aqui a beleza só aumenta
Subimos, distraídos, seguimos
Ritos centenários nos aguardam

Pois que, aqui, um mapa é preciso
Aporta-se num retorno sem tamanho
Entreolhamo-nos e nos perguntamos
— então, é mesmo assim?

Poesia nos conta histórias
Que se respiram, na casa fragosa
Ladrilhada, feito na canção
Ando a cantar sobre o teu chão —

Adentrar-te, hoje, é prêmio e festa
Ilustração e lustre para o olhar
Arte que te habita

Volto ao espaço é fato ou ficção
Olhos atestam orvalhar de almas
A lançarem avezinhas de silêncio

II

Que duros alicerces se mantêm
Agora estruturas desses marcos
De memória? Vejam que os andares
alçam-se em dobro

E o palacete se eterniza
Nos clicks dos passantes, redivivas
Acodem personagens incólumes
Quietas, na solidez de sua morada
(das paredes, todas nos vigiam)

Sigamos ao espaço interior
À sólida estrutura interna
Aos objetos que tantos caminhos
Rodaram: no leva e traz
De colecionadores

Salões particulares de lembranças
dispostas em seu pleno imaginário
convivência com ressuscitados

Essas paisagens, aqui essenciais
São redutos de poetas, de artistas
margens de um relato em língua comum
Disperso na babel do tempo fugidio
Para os confins do mistério da arte

III

Para trás a antiguidade
Seu arrojo fere as pupilas
Seu luxo sacia uma era
De expressões insepultas

Tetos povoados e espelhos
Madeiras encarecidas
pó de ouro luz

Dos candelabros de murano
Azuis e róseos, quase juvenis

E o escarlata dos tapetes
Refratado nos cristais —
Caminhemos ao pátio
Lá, fantasmas nos espreitam

Claro espaço, onde se respira
O oxigênio que nos impele
À amarração dos pés no chão
E, após, ao sol do sonho

IV

Nossa visita garante-se
Em uma hora, vamos, o espaço
Já está iluminado —
bibliotecas não guardam

Há que povoar as suas páginas
Mirantes de contemplação
Amplificações do saber —

Casa eclética, centenária
Onde o silêncio e a vida retornam
Nas representações dos maiores
No fraseado de rui barbosa
Na potência de castro alves
No lirismo de Myriam Fraga

Nas coleções de arte eternizadas
Em paredes de azulejos
Nas portas, janelas, esquadrias
E vitrais reparados

Se enviesarmos à esquerda
Alcançaremos a escada em caracol
Suas madeiras nobres
A casa acadêmica move-se

A festa, agora, é no andar
De cima, no final do passadiço
Onde restam auditórios
Que, há quase cinquenta
Anos, escutam humanistas

V

Esforcemo-nos para fixar
Os marcos, a arte dispersa
Nas paredes, nas pinturas
Nos retratos, marcenaria
Azulejaria, símbolos
Singularidades e traços
Da arquitetura neoclássica

Vamos no tempo, sempre para trás
Aos ares de outra era
Ou à festa contemporânea
Da diversidade aos modos
Inclusivos que todos acolhem
E às distintas devoções:
Vamos abrir as almas

Marcar um encontro com os amados
Jorge, João Ubaldo, Edivaldo
Maria Felipa, Edite Abreu, Myriam Fraga
Mãe stella, Luís de Camões, Shakespeare
Ou o cavaleiro da triste figura
E que ele nos empreste, para sempre

HELOÍSA PRAZERES, professora adjunta, aposentada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cumpriu o doutorado na University of Cincinnati, em Ohio, nos Estados Unidos, e é poeta, ensaísta e pesquisadora. Foi titular e pesquisadora da Universidade Salvador (UNIFACS). Publicou os livros: *Temas e Teimas em narrativas baianas do centro-sul* (2000), *Pequena história*, poemas selecionados (2014), *Casa onde habitamos*, poemas (2016), *Arcos de sentidos, literatura, tradução e memória cultural* (2018), *Tenda acesa*, poemas (2020), *A vigília dos peixes*, poemas (2021), *O tempo não detém a vida* (2023) e *Nossa casa alheia* (2024). Desde 2021, ocupa a Cadeira nº 26 da Academia de Letras da Bahia e, desde 2022, assume a Cadeira nº 14 como membro titular da Academia de Letras de Itabuna (ALITA).



O Solar Góes Calmon no ano do centenário da Academia de Letras da Bahia

Evelina Hoisel



Fundada no dia 7 de março de 1917 pelo engenheiro Arlindo Fragoso, foi em 10 de abril de 1917, na Assembleia Legislativa da Bahia – naquela época situada na Ladeira da Praça –, que a Academia de Letras da Bahia teve a instalação dos seus trabalhos. E foi em 10 de abril de 2017 que iniciaram as atividades do ano do seu centenário, encerradas em 10 de abril de 2018.

A expectativa de comemorar um século de existência de uma instituição como a Academia de Letras da Bahia, destinada a promover a literatura e a cultura, é imensa e é, principalmente, uma grande responsabilidade e um desafio. A construção de uma história de longos anos de serviços prestados à sociedade faz entrelaçarem-se muitas histórias, tecidas por um ideal plantado com entusiasmo por seu fundador, Arlindo Fragoso. Ideal que tem sido capaz de sustentar a estrutura necessária à edificação e à preservação da instituição ao longo desses cem anos.

Por muitos motivos, o ano comemorativo da Academia de Letras da Bahia foi esperado com expectativa e planejado no sentido de revisitar fatos, resgatar acontecimentos imprevistos, expor os rituais de funcionamento da casa, restaurar o Solar Góes Calmon – sede da instituição – e rever projetos que, tanto nas dificuldades como nos períodos mais promissores, inventaram o futuro da Academia de Letras da Bahia, possibilitando que ela chegasse com vigor no ano de seu centenário.

A comemoração do centenário coincidiu com um momento de grave crise financeira e política do país. O reflexo dessa crise em instituições culturais se fazia sentir à medida que empresas patrocinadoras de projetos institucionais retiravam o seu apoio, sem considerar aqueles programas já consolidados e com uma longa história de sucesso.

Mesmo com a crise que se aprofundava em diversos setores da vida brasileira, na abertura do ano do centenário em 10 de abril de 2017, o Solar Góes Calmon, sede da Academia

de Letras da Bahia, estava solenemente preparado para abrigar os eventos comemorativos. A pintura foi um marco importante para a preservação física do histórico Solar e para construção do cenário das comemorações. Diversas ações, desde a gestão do presidente Aramis Ribeiro Costa, tinham sido mobilizadas no sentido de recuperação da área externa do palacete – bastante danificada –, sem que resultassem em uma resposta afirmativa. Quando assumi a presidência da Academia em 2015, dei continuidade às providências iniciadas pelo presidente Aramis Ribeiro Costa junto a empresas de tinta de grande porte e de prestígio na cidade, sem obter sucesso. Foi graças à parceria com várias instituições locais¹ que o imponente Solar Góes Calmon vestiu-se de roupa nova, em trajes solenemente preparados para a magnitude da festa que transcorreria durante um ano.

O antigo solar preparou-se para abrigar os festejos graças à participação das instituições parceiras e, principalmente, da Prefeitura Municipal de Salvador que, além da mão de obra para a execução da pintura, responsabilizou-se também pela recuperação do jardim e pela iluminação cenográfica sugerida e arquitetada pelo diretor teatral Fernando Guerreiro, também presidente da Fundação Gregório de Mattos.

Foi montado um admirável cenário que projetava o colorido das árvores do jardim, iluminadas festivamente, tendo como pano de fundo as imagens do solar, também iluminado

1 • Graças à sensibilidade e ao interesse de um colega da UFBA, o professor Adailton de Oliveira Gomes, foi possível mobilizar o Instituto Politécnico da Bahia, presidido pelo professor Caiuby Alves da Costa, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA/BA), sob a presidência, à época, do engenheiro Marco Antonio Amigo, e a fábrica de tintas Concremassa, para a doação do material necessário para a pintura. A mão de obra foi executada pela Prefeitura Municipal de Salvador, com a participação de seus diversos órgãos – Secretaria de Manutenção (Seman), Secretaria de Mobilidade (Semob), Secretaria da Cidade Sustentável e Inovação –, sob a eficiente mediação do presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro, sempre disposto a incentivar e apoiar as instituições culturais da cidade.

com tecnologia cênica contemporânea; cenário apropriado para comemorar a história de uma instituição secular, que se atualiza, contudo, ao longo de sua história e se fortalece com o transcorrer dos anos, simultaneamente preservando a tradição e acolhendo os fulgores irruptivos de um novo tempo que sempre se inaugura. Tradição e contemporaneidade eram luminosos signos que se harmonizavam nos espaços externos do monumental Solar Góes Calmon, transformado em imenso palco a traduzir um movimento que caracteriza a própria história secular da Academia de Letras da Bahia: preservar o passado e acolher novos tempos, projetando-se para o futuro.

O cenário de encantamento e espanto dava visibilidade ao prédio do Solar Góes Calmon como um museu que conta uma das vertentes da história da Bahia. Em cada cômodo do palacete, nas pinturas do teto, em cada peça do mobiliário, nos ambientes que se revestem de um ar de musealização, registra-se um fragmento temporal que é capturado pelo olhar de cada visitante da casa, presentificando o passado que se abriga nos espaços do solar, a documentar uma história sociopolítica e cultural.

Na sessão solene de abertura do ano das comemorações, realizou-se o descerramento da placa do centenário pela presidente Evelina Hoisel e pelo acadêmico e ex-governador da Bahia Roberto Santos. A placa está localizada em uma das paredes do Salão Nobre Magalhães Neto, principal auditório do Solar Góes Calmon, no segundo andar do palacete. A sessão teve como oradores os três últimos presidentes: os acadêmicos Edivaldo Machado Boaventura (2007-2011), Aramis Ribeiro Costa (2011-2015) e Evelina Hoisel, que encerrava a gestão 2015-2017 e tomava posse em uma nova gestão: 2017-2019. Em uma noite memorável, plena de recordações e de futuro, o evento contou com a apresentação do Madrigal da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a participação de autoridades e personalidades do meio artístico e cultural da Bahia.



Guilherme Radel, Paulo Furtado, Edilene Matos, Armando Avena, Aramis Ribeiro Costa, Gerana Damulakis, Samuel Celestino, Yeda Castro, Carlos Ribeiro, Edivaldo M. Boaventura, Ruy Espinheira Filho, Evelina Hoisel, Aleilton Fonseca, Gláucia Lemos, Joaci Góes, Cyro de Mattos, Suzana Alice Cardoso, João Eurico Matta, Francisco Senna, Urânia Tourinho Peres, Fernando da Rocha Peres, Paulo Ormindio de Azevedo, Florisvaldo Mattos.

A partir da abertura, a diversidade dos temas literários e culturais discutidos em mesas-redondas, cursos e seminários – adotando uma perspectiva multidisciplinar no tratamento das problemáticas focalizadas – atesta a riqueza das questões que circulavam pelos espaços do Solar. Ao completar um século, reafirmavam-se os objetivos inscritos no estatuto da Agremiação: a Academia de Letras da Bahia tem por objetivo a preservação da literatura e da cultura, constituindo-se como um espaço de livre pensar e de diálogo entre distintos campos do saber. A programação do centenário foi montada no sentido de promover profícuas interlocuções entre os seus membros e o contexto histórico e cultural da atualidade. Estudiosos e especialistas de diversas áreas, acadêmicos e acadêmicas, colaboraram para a realização dos eventos ao longo do ano.²

Na abertura do ano acadêmico de 2018, ainda integrando o calendário das comemorações, no dia 8 de março, foi inaugurado o novo busto do fundador da Academia de Letras da Bahia, o engenheiro Arlindo Fragoso. Foi mais um empenho do presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro. O ano do centenário iniciou sem o busto do seu fundador, que tinha sido instalado no jardim do Solar Góes Calmon no dia 7 de março de 1997, na comemoração dos oitenta anos da Academia, e doado pelo historiador e ilustre acadêmico Cid Teixeira. O busto de bronze de Arlindo Fragoso passou a integrar os espaços dos jardins, onde se encontravam os bustos de Otávio Mangabeira, Jorge Amado, Cervantes, Pedro Calmon, Jorge Calmon e a estátua de Góes Calmon de corpo inteiro, situada na entrada da sede. Em agosto de 2013, em decorrência de atos de vandalismo contra o patrimônio histórico da cidade, a sede da Academia foi invadida e, apesar dos dispositivos de segurança, os ladrões levaram os bustos de Arlindo Fragoso e do historiador Pedro Calmon. O busto de

² • A programação do ano do centenário pode ser consultada na *Revista da ALB* (Hoisel, 2018a, 2018b) e também no livro *Academia de Letras da Bahia: um século de história* (Hoisel et al., 2017).

Arlindo Fragoso voltou a ocupar o seu lugar no jardim do palacete ainda dentro do calendário do centenário, que encerrou em 10 de abril de 2018³.

Um legado importante do centenário que merece grande destaque é a publicação do livro *Academia de Letras da Bahia: um século de história*,⁴ cujo objetivo é o resgate e o registro da história da agremiação ao longo do século, cobrindo um largo espectro de temas que a definem como instituição literária e cultural, por meio de textos e de registros fotográficos. A organização do livro, com a coordenação editorial sob a responsabilidade do saudoso acadêmico benfeitor Edivaldo Boaventura – um entusiasta da publicação – e do acadêmico Carlos Ribeiro, é fruto de uma volumosa pesquisa dos autores; os acadêmicos Roberto Santos, Aramis Ribeiro Costa, Edivaldo Boaventura, Carlos Ribeiro, Paulo Ormino de Azevedo, Aleilton Fonseca, e as acadêmicas Suzana Alice Cardoso e Evelina Hoisel em documentos, atas, artigos em jornais, revistas da *Academia de Letras da Bahia*, assim como também do conhecimento proveniente da familiaridade e da convivência de cada autor com a casa. O livro foi distribuído aos participantes na sessão de encerramento do ano do centenário, em 10 de abril de 2018. Nessa mesma sessão, realizada no Salão Nobre Magalhães Neto, foi concedido o Diploma de Amigo Honorável da Academia de Letras da Bahia a diversas instituições de Salvador e a personalidades que contribuíram para as realizações do ano do centenário.

3 • A réplica do busto original, confeccionada em fibra de vidro pelo restaurador e doutor em Artes Visuais José Dirson Argolo, foi possível graças à diretoria da Escola Politécnica da UFBA, que possui o original e, desde os primeiros contatos, mostrou-se receptiva à cessão da obra para confecção de uma réplica. A Escola Politécnica da UFBA é uma instituição irmã da Academia de Letras, ela, também fundada por Arlindo Fragoso: em 1896, ele fundou o Instituto Politécnico da Bahia e, em 1897, a Escola Politécnica da Bahia, hoje Escola Politécnica da UFBA.

4 • Publicado em parceria com a Editora da UFBA e o apoio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, Governo do Estado da Bahia.

Apesar das dificuldades orçamentárias do período,⁵ o centenário foi celebrado com uma intensa e diversificada programação ao longo do ano, graças ao envolvimento das competentes diretorias de 2015-2017 e de 2017-2019, da vigorosa participação das acadêmicas e dos acadêmicos na realização dos projetos literários e culturais, bem como da atuação entusiástica dos funcionários da casa, sempre disponíveis para atender e acompanhar um considerável número de visitantes interessados em conhecer o Solar Góes Calmon como casa da memória, da cultura e das artes.

EVELINA HOISEL é ensaísta, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professora titular aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora pela Universidade de São Paulo (USP), com vários livros e artigos publicados. Desde 2005, ocupa a Cadeira nº 34 da Academia de Letras da Bahia, tendo sido presidente de março de 2015 a março de 2019.

REFERÊNCIAS

HOISEL, Evelina. A Academia de Letras da Bahia de 2015 a 2017. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 56, p. 229-246, jan. 2018a.

HOISEL, Evelina. O centenário da Academia de Letras da Bahia. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 56, p. 275-284, jan. 2018b.

HOISEL, Evelina. Fala de encerramento do ano do centenário da Academia de Letras da Bahia. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 57, p. 243-248, jan. 2019.

HOISEL, Evelina *et al* (org.). *Academia de Letras da Bahia: um século de história*. Salvador: Edufba: ALB, 2018.

5 • Destaca-se o apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/Fomento à Cultura/Fundo de Cultura, Projeto: Implementação do Acesso e Difusão das Ações Culturais, que tem garantido a execução dos projetos culturais da ALB há vários anos.



A ACADEMIA

Nelson Cerqueira

No Palacete Góes Calmon, um nobre lar
A Academia de Letras se ergue alta
Com Cláudio Veiga e Jorge Calmon, na origem
Fundaram sonhos, ideias e cultura

Com Paulo Ormino, a jornada continua
E o legado de imortais aqui se procura
A literatura baiana, um tesouro a preservar
E a cultura, um legado a perpetuar

Aos acadêmicos, cultura e louvor
Ao governador Góes Calmon, a Carlos Cunha, um valor
A Academia de Letras da Bahia, um legado que perdura
Inspirando gerações, com sabedoria e cultura
No Palacete Góes Calmon, a história se renova
Por muitas mãos a cuidar
E o espírito de Presidentes aqui se encontra
Assim, nesses versos, a homenagem dou.

NELSON CERQUEIRA é escritor, jornalista, professor, mestre e doutor em Literatura Comparada pela Indiana University (Estados Unidos) e tem diversos livros publicados em poesia, ficção e ensaios. Desde 2017, ocupa a Cadeira nº 4 da Academia de Letras da Bahia.

Inauguração da estátua de Góes Calmon na Academia de Letras da Bahia

Francisco Senna



O **último quartel do século XIX**, também conhecido universalmente com *fin de siècle* ou *belle époque*, introduziu no Ocidente um novo padrão arquitetônico ou estilo identificado como ecletismo ou historicismo, seguido pelo estilo *art nouveau*, que se estenderam até os anos 1920, quando o *art decò* e o modernismo passaram a imperar.

Fruto de uma cultura enciclopedista, esse ecletismo teve, no Brasil, a sua grande expressão na chamada Primeira República (1889-1930), em substituição ao neoclassicismo, estilo oficial do Império que se estendeu com os seus regionalismos ao longo de quase todo o século XIX.

Primando pelo exagero decorativo, pela mistura de estilos e integração das artes – como a pintura, a escultura e os vitrais –, o ecletismo recobria paredes, forros e pisos com elementos de gesso, lambris, mosaicos e *parquets*, ladrilhos hidráulicos e pastilhas.

O ferro e vidro permitiam a inserção de novos elementos, como colunelos, marquises, clareboias e terraços com abobadilhas. Foram, também, introduzidos equipamentos sanitários, água encanada e louça, luz elétrica e elevadores.

Com o surgimento de uma nova burguesia, o tradicional sobrado – construído em lote urbano estreito, com parede-meia – tendeu a desaparecer, cedendo lugar a suntuosos palacetes, em centro de terreno, cercados por jardins que ostentavam, com seu paisagismo, o novo estilo.

Reformas urbanas introduziram o transporte público: bondes, planos inclinados, elevadores e, finalmente, o ônibus, a partir de 1905, e o automóvel, a partir de 1901, com o *Panhard Levasseur*, importado pelo mecânico Henrique Lanat.

Nesse contexto histórico, a cidade de Salvador acompanhou os passos das grandes metrópoles e modernizou-se, seguindo os princípios da reforma urbana de Paris, realizada entre 1852 e 1870 pelo Barão Haussmann, competindo no Brasil com as reformas do Rio de Janeiro, de

Inauguração da estátua de Góes Calmon na Academia de Letras da Bahia

Recife e Belém, bem como o apogeu do ciclo do café em São Paulo, que eclode como a grande metrópole brasileira do século XX.

O neoclassicismo arquitetônico de Salvador teve sua expansão com a criação da Escola de Belas Artes, por Miguel Navarro y Cañizares em 1877, cujo prédio, iniciado em 1878, foi depois transformado em sede do Senado Estadual, na Praça da Piedade. Outra instituição que muito contribuiu foi o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia – fundado em 1872 –, responsável pela formação da mão de obra de nível técnico: carpinteiros, serralheiros, estucadores e outros artífices.

A reforma da antiga Casa de Câmara e Cadeia, em 1887 – realizada pelo engenheiro Francisco de Azevedo Caminhoá –, a reconstrução do Palácio Rio Branco, concluído em 1900, e da Faculdade de Medicina, em 1905 – realizada pelo engenheiro Theodoro Sampaio –, foram obras referenciais na cidade.

Contudo, a era José Joaquim Seabra, que se encerrou com o governo de Francisco Marques de Góes Calmon, foi a grande responsável pelo apogeu do ecletismo arquitetônico no bojo das grandes reformas urbanas, quando da abertura da Av. Sete de Setembro e da realização do grande aterro do Comércio para a implantação de novo porto da Cia. Docas da Bahia e a consequente abertura da Av. Jequitiaia.

As principais ruas do Comércio e da Cidade Alta foram alargadas, como a Rua Chile, a Rua da Ajuda e a Av. Sete de Setembro, onde surgiram novas edificações projetadas, em sua maioria, por engenheiros, arquitetos, mestres de obras, pintores, escultores e estucadores italianos.

Destacaram-se nesse período, entre outros, os italianos: arquitetos Rossi Baptista, Orestes Serbelli, Thomas Rossi, Julio Conti, Antonio Virzi, o engenheiro Filinto Santoro, o escultor Pasquale de Chirico e o franco-argentino Víctor Dubugras. Dentre esses, radicaram-se na Bahia Rossi Baptista e Pasquale de Chirico.



A formação de arquitetos na Bahia desenvolvia-se como um curso ou departamento da Escola de Belas Artes até o ano de 1959, quando foi emancipado com a criação da Faculdade de Arquitetura. Na Escola Politécnica, havia também uma cadeira de arquitetura ministrada pelo arquiteto José Nivaldo Allioni, considerado o introdutor do ecletismo na Bahia.

O nosso ecletismo seguiu diversas tendências: o neogótico, o classicizante, o neomanuelino, o neocolonial ou as mixagens compositivas, o que era mais comum, especialmente nos prédios comerciais e nos palacetes, sendo esse o caso do Solar Góes Calmon ou Palacete do Caquende. Construído por Francisco Marques de Góes Calmon, foi solenemente inaugurado em 19 de março de 1919.

Edificado em centro de terreno, em lote de esquina valorizado por pequena praça à frente, com formosos jardins e acesso predominantemente lateral, esse palacete possui escadaria e galeria em dois pisos, com colunata clássica e dois pavimentos acima do porão alto à semelhança do palacete da Villa Catharino, inaugurado em 1912 e restaurado para sediar o Museu Rodin Bahia.

O Solar Góes Calmon é imponente em sua volumetria e elementos secundários, apresentando uma rica composição eclética de mixagens compositivas, onde cada pavimento tem tratamento de vãos e modenaturas diferenciados. Embora acrescido de um pavilhão ao fundo que abriga a biblioteca, o solar conserva a sua aura de palacete. No jardim, destacam-se uma fonte e um chafariz de cantaria, além de bustos de vultos importantes das letras universal e baiana.

“O Solar Góes Calmon é imponente em sua volumetria e elementos secundários, apresentando uma rica composição eclética de mixagens compositivas, onde cada pavimento tem tratamento de vãos e modenaturas diferenciados”

Seus ambientes internos possuem rica composição mural em estuque de gesso, com preciosa pintura ao teto do salão nobre, ou salão dourado, executada pelo renomado pintor baiano Presciliano Silva, além de cartelas, elegantes esquadrias e pisos em mármore e *parquet*.

A antiga sala de jantar conserva sua original e rica composição de mobiliário e decoração, com painéis especialmente confeccionados para exposição da coleção de porcelanas do seu antigo proprietário, doada pelo inesquecível acadêmico Jorge Calmon de Bittencourt.

O palacete abrigou a família Góes Calmon, de 1919 a 1943; a antiga Pinacoteca e Museu do Estado, de 1946 a 1969; o Museu de Arte da Bahia, de 1970 a 1982; e, a partir de 7 de março de 1983, a Academia de Letras da Bahia, nossa casa.

Nada mais justo, nesta presente data, enriquecermos este palacete-museu com a estátua do ex-governador Francisco Marques de Góes Calmon, seu idealizador e construtor, cuja evocação cabe em discurso ao ilustre confrade e presidente, acadêmico Edivaldo Machado Boaventura.

Compete-nos, porém, apresentar o autor dessa preciosa obra escultórica, cuja instalação ora se inaugura. O escultor italiano Pasquale de Chirico nasceu em 24 de maio de 1873, na cidade de Veneza, na Itália, e chegou ao Brasil aos vinte anos de idade, dedicando-se nos cinquenta anos de sua vida.

Estudou como bolsista no Reale Istituto di Belle Arti di Napoli, destacando-se entre os melhores discípulos de Achilles D’orsi, mestre que o impulsionou na arte. Chegando ao Brasil em 1893, estagiou em Santos e trabalhou em São Paulo, onde instalou uma fundição artística, única do gênero naquela época.

Veio então para a Bahia, a convite do engenheiro Theodoro Sampaio, executar um conjunto de esculturas para o novo prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, realizando ali doze obras. Lecionou na Escola de Belas Artes da Bahia como professor contratado, de 1918 a 1932, quan-



Francisco Senna

do prestou concurso, tomando posse, como professor efetivo, na cadeira de Escultura, a qual lecionou até 1942.

Foi um grande mestre do desenho e da escultura. Dentre os seus discípulos, destacam-se o pintor Mendonça Filho e os escultores Ismael de Barros, J. Rocha, Carlos Sepúlveda, Augusto Buck e Jair Brandão.

Casou-se com D. Maria de Chirico, com quem teve duas filhas, Cecília e Emília. Viveu da arte e foi grande na sua arte, embora pequeno na estatura, pois tinha apenas 1,55 m de altura. Dentre suas obras, destacam-se bustos, hermas, medalhões, esculturas, inclusive funerárias, em bronze e mármore.

Realizou também algumas peças autenticamente de arte, para satisfazer o seu anseio criador. Morreu trabalhando no seu ateliê, em 1943, com as mãos sujas de barro, aos setenta anos de idade. Segundo Carlos Chiacchio: “Foi, sem contestação possível, o maior autor de monumentos da Bahia”.

Entre suas obras, merecem destaque:

Conjunto de doze esculturas da antiga Faculdade de Medicina, na Praça Terreiro de Jesus (Centro).

Busto do Padre Manoel da Nóbrega (1914), na Rua da Ajuda (Centro).

Estátua do Barão do Rio Branco (1919), na Av. Sete de Setembro (S. Pedro).

Estátua de Tomé de Souza (1919), em gesso, no Palácio Rio Branco (Centro).

Grupos escultóricos da fachada do Palácio do Rio Branco (1919), Praça Municipal (Centro).

Estátua do Cristo Salvador (1920), na Av. Oceânica (Barra).

Busto do General Labatut (1923), na Praça da Araponga (Lapinha).

Estátua de Castro Alves (1923), na Praça Castro Alves (Centro).

Busto de Júlio David (1926), no Largo do Rosário (Itapagipe).

Estátua do Visconde de Cairu (1932), na Praça Cairú (Comércio).

Monumento a Ernesto Carneiro Ribeiro (1932), no Colégio Central (Nazaré).

Busto do Irmão Joaquim do Livramento (1936), na Av. Jequitaia (Comércio).

Estátua de D. Pedro II (1937), na Praça Conselheiro Almeida Couto (Nazaré).

Busto de D. Pedro Fernandes Sardinha (1944), na Praça da Sé (Centro).

Estátua dos Irmãos Pereira (1954), na Av. Lafaiete Coutinho (Preguiça).

Mausoléu de Júlio David, no Cemitério do Campo Santo (Federação).

Busto de Monsenhor Tapiranga, na Praça Barão do Triunfo
(Santo Antônio Além do Carmo).

Busto Artístico (1931), na Escola de Belas Artes da Bahia (Canela).

Estátua de Francisco Marques de Góes Calmon (1938),
na Academia de Letras da Bahia (Nazaré).

Assim, o Solar Góes Calmon se enriquece pela história e pela arte, e a Academia de Letras da Bahia se enaltece pela responsabilidade intrínseca de resgatar e preservar a memória baiana ao instalar, no jardim de sua imponente sede, a estátua do ilustre governador Francisco Marques de Góes Calmon.



FRANCISCO SENNA é graduado em Arquitetura e Urbanismo (1977) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), fez especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (1982) na UFBA e em Florença, na Itália (1985). Foi presidente da Fundação Gregório de Mattos (1997-2004), é professor aposentado da Faculdade de Arquitetura da UFBA e fez parte de conselhos de várias instituições. Desde 2000, ocupa a Cadeira nº 24 da Academia de Letras da Bahia (ALB). Este discurso foi proferido na inauguração da estátua de Francisco Marques de Góes Calmon na sede da ALB, em 22 de março de 2011. Este artigo foi publicado originalmente na *Revista da ALB*, n. 51, 2013.





A CASA DA OUTRA ESQUINA

Mirella Márcia

Era o 210. Meu pai jamais chamou de outra forma. Costumava nomear as casas por seus números, mas quanto afeto punha na expressão que pode parecer fria! Não era fria! Tudo em meu pai era quente, cheiroso, audível, visível. Tudo nele acelerava a respiração. De tanto abraçar os seus avós, confundia-se com as paredes que os cercavam. Era ele o 210, casa onde chamas de fogão viviam acesas, tábuas rangiam, fluidos de corpos invadiam narinas. Meu pai era a morada da paixão por seu avô, o velho que, não vendo, se deixava ver principalmente pela mão de roxas veias. De olhos fechados, eu a vejo, ainda, estendida à espera do beijo dado com um misto de reverência e repulsa.

Era o 210, a casa da minha avó velha (assim eu a chamaria por anos, ainda que todos me corrigissem e dissessem: “a casa velha da avó”). Quando apenas começava a caminhar, eu caminhei por aquele pântano movediço e feito de amor e nojo, amor e pânico, amor e iminência de perda. Ao longo dos corredores, eu desejava pisar em um terreno estável, livre do sobressalto que atingia o teto, os restos, os rastros dos campos antigos. Sabendo que uma rua passaria sobre a sua casa, minha avó dizia palavras esquisitas, como desapropriação. As sílabas soavam como passos de um monstro, usando disfarces impensáveis.

Era o 210! Não tinha pátio e nem jardim, que eu me lembre! Talvez por isso, em seu interior, eu sonhasse com a casa fixada na outra esquina, um palacete com área externa, árvores, pássaros pousados sobre sólidas sacadas. Recusando qualquer incerteza, eu pintava na mente a clareza do sobrado próximo e ansiava respirar devagar; ao modo dos que não dançam e tão somente seguem. Querendo livrar-me do espaço que julgava escuro, desejei um futuro em que caminharia no solar, entre cortinas e pratos brasonados, trazendo sobre a pele um colar dourado, mas sem conseguir esquecer, na outra esquina, a essência de todas as ausências.

Salvador, 16 de agosto de 2025

MIRELLA MÁRCIA LONGO VIEIRA LIMA, escritora e ensaísta, nascida em Salvador, é Professora Titular de Teoria Literária na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mirella Márcia Longo Vieira Lima escreve ensaios, poemas e narrativas. Entre os seus sete livros publicados, situam-se *Confidência Mineira: o amor nos poemas de Carlos Drummond de Andrade* e *Cenas de amor em romances do século XX*. Desde 2023, ocupa a Cadeira nº 16 da Academia de Letras da Bahia.

O arquivo da Academia de Letras da Bahia

Edilene Matos



Este texto põe em relevo a memória da Academia de Letras da Bahia (ALB) com foco nos arquivos pessoais dos acadêmicos e das acadêmicas. Nesse espaço movente, novos diálogos circulam e se expandem. Como uma instituição centenária de largo prestígio, a ALB assiste a um crescente interesse que envolve os arquivos. Esse interesse está se repetindo com muita força nessas duas décadas de um novo milênio. Pesquisadores, não só do Brasil, mas também de outros países, cada vez mais frequentemente, buscam os arquivos para análises e reflexões. Assim, torna-se inevitável que a ALB seja alvo de interesse e que, para essa instituição, estejam a convergir as atenções de muitos pesquisadores, desde que se trata de um espaço detentor de farta inserção das culturas e das literaturas e palco de revitalizante movimento. No entanto, a atividade de pesquisa e as análises científicas exigem informações; dados que, até o presente momento, quando disponíveis, raramente se encontram sistematizados. Em verdade, esse Arquivo ALB carece ainda de um documento mais abrangente que testemunhe a continuidade e a coesão que lhe conferem identidade histórica, assuma um papel que ultrapasse o meramente documental e funcione até como fonte primária para diversos projetos com base na memória.

Assim, foi pensado o projeto “Pesquisa documental e histórico-sociológica com foco no acervo de uma instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural”, que se encontra em sua segunda fase.

O Arquivo ALB está no centro de um projeto voltado para o rico acervo documental da instituição e a produção cultural dessa instituição centenária, com vistas à pesquisa bibliográfica, historiográfica e socioantropológica a ser empreendida por docentes/pesquisadores e estudantes devidamente orientados, que estão empenhados no exame de documentos da biblioteca e do arquivo da ALB, assim como na produção de documentários audiovisuais sobre a vasta produção dos acadêmicos. A ALB, em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), vem colaborando na orientação dos estudantes integrantes do referido projeto e na facilitação ao

acesso deles – e de seus docentes/orientadores – a toda a documentação de seu acervo, assim como na aproximação com os acadêmicos.

Na condição de um memorial, o arquivo da ALB permite a percepção de um passado como algo em movimento e, por conta disso, é possível pensar em memórias vivas. Ao acessar histórias do passado, um novo passado se constrói. Desse modo, o olhar sobre o tempo é ressignificado e as memórias daquilo que já passou se transformam em novas vivências, que são transformadoras para o presente e para o futuro. Nos arquivos pessoais, a memória também está entrelaçada com as vivências sociais e, por mais que seja possível relembrar de maneira individual, o recordar, quando exercido coletivamente, é muito mais efetivo e rico. Em um mundo no qual não se vive só, presenciamos e testemunhamos acontecimentos e contribuímos com o nosso olhar para a construção de memórias, lembranças e experiências no círculo em que vivemos.

Os acervos das acadêmicas e dos acadêmicos, que compõem o Arquivo Renato Berbert de Castro da ALB, refletem as relações estabelecidas em diferentes esferas de suas vidas; ricos documentos das atividades literárias, culturais e políticas da sociedade baiana. Tais acervos assumem atualmente um papel que extrapola o meramente documental, funcionando como fonte primária de acesso para vários trabalhos. O Arquivo ALB é composto por uma série de documentos históricos, dentre



os quais livros de ata, correspondências recebidas e expedidas com instituições e pessoas de destaque no Brasil e no mundo, fotografias de valor histórico, manuscritos e documentos pessoais de acadêmicos que se destacaram por seu papel relevante na história e na produção cultural da Bahia, como escritores, políticos, artistas, juristas, cientistas sociais etc.

Com esse projeto se dará o incremento da disponibilidade de um acervo bibliográfico e documental demandado por pesquisadores e estudiosos do Brasil e do exterior, além de constituir um poderoso instrumento de educação posto ao alcance do grande público. Uma importante etapa subsequente a ser cumprida será a digitalização de importantes periódicos e documentos de grande valor histórico disponíveis no dito acervo (biblioteca e arquivo da ALB), que, após a produção de artigos científicos, ficarão disponibilizados para ampla consulta nas plataformas da ALB e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC).

Pesquisadores de diferentes áreas têm no acervo da ALB e na produção cultural de seus membros uma fonte de informação valiosa a que podem recorrer e, muitas vezes, recorrem. Tornar o acervo e a produção da referida Academia um objeto de pesquisa será muito proveitoso, tanto para eles como para a população interessada no usufruto dos bens culturais disponibilizados pela instituição.

Os pesquisadores têm, por exemplo, como instrumento hábil de pesquisas sobre literatura e cultura, uma coleção de obras especiais em que figuram publicações como a Coleção Brasileira, a Camiliana, revistas que tiveram importante papel na difusão cultural e hoje já não circulam, além de publicações importantes de escritores baianos como Castro Alves, Gregório de Mattos, Rui Barbosa, Afrânio Peixoto, Edith Mendes da Gama e Abreu, Cipriano Barata, Isaías Alves, Pedro Calmon, Manuel Querino, José Calasans, Luís Henrique Dias Tavares, Jorge Amado, Zélia Gattai, João Ubaldo Ribeiro etc. O Arquivo Renato Berbert de Castro encerra informações valiosas sobre os acadêmicos – falecidos e em atividade – e tem

no seu acervo, além de biografias, epistolografia, fotografias, bibliografia, a coleção completa da Revista da Academia de Letras da Bahia, cujo primeiro fascículo data de 1930.

Toda essa documentação compõe parte importante do acervo institucional da ALB. Os acervos são derivados da trajetória dos produtores e das relações que eles estabeleceram em diferentes esferas de suas vidas, refletindo a diversidade e pluralidade dos sujeitos, atividades literárias, culturais e políticas da sociedade baiana. O projeto Arquivo ALB busca caracterizar o processo de tratamento, organização e disseminação dos arquivos pessoais à luz de práticas interdisciplinares que envolvem a Arquivologia, Biblioteconomia e o campo da Filologia. O processo para desenvolvimento de produtos de informação, em desenvolvimento, favorece a difusão de seus conteúdos, ampliando possibilidades de ações de pesquisa a fontes primárias, contribuindo não só para as pesquisas sobre a vida e obra de seus titulares, mas para a facilitação de acesso a esses saberes. Ao longo dos 108 anos de atuação, a ALB acumulou em seu arquivo – 6 armários com 4 gavetas cada e 400 pastas – documentos pessoais dos acadêmicos, contabilizando aproximadamente 240 titulares.

De caráter exploratório, com abordagem qualitativa, já foi realizado – através desse projeto, que está em andamento – um inventário e levantamento dos tipos documentais encontrados no arquivo dos acadêmicos, que teve como amostra 198 arquivos pessoais do Arquivo

“Os acervos são derivados da trajetória dos produtores e das relações que eles estabeleceram em diferentes esferas de suas vidas, refletindo a diversidade e pluralidade dos sujeitos, atividades literárias, culturais e políticas da sociedade baiana”



Renato Berbert de Castro, inventário de mais de 2 mil periódicos da Sala de Periódicos Odorico Tavares, além da Coleção Álvaro Gonçalves Nascimento. Dando-se continuidade à pesquisa epistolar e dos periódicos modernistas encontrados, esse trabalho já identificou cartas, textos literários, registros de imprensa, fotografias, postais, entre outras fontes documentais, assim como os periódicos *Samba*, *Arco&Flexa* e *A Luva*, além de estudos da denominada Camiliana acerca do modernismo europeu. Ademais, iniciou-se a produção de um glossário de tipos documentos e um dicionário biobibliográfico de autorias, como produto para a disseminação do referido acervo.

Criar um arquivo/memorial a partir de depoimentos pessoais, relatos familiares e cotidianos do trabalho e da vida social, permite-nos perceber também o passado como algo em movimento e, por isso, a concepção de memórias vivas. Ao acessar histórias do passado por meio de dinâmicas coletivas, um novo passado se constrói, elaborado por muitas mãos. Desse modo, o olhar sobre o tempo é ressignificado e as memórias do que já passou se ressignificam em novas vivências que são transformadoras para o presente e para o futuro.

Por fim, vale a pena insistir no registro de que a memória está entrelaçada às vivências sociais e, por mais que seja possível relembrar de maneira individual, o recordar, quando exercido coletivamente, é muito mais efetivo e rico. Em um mundo no qual não se vive só, presenciamos e testemunhamos acontecimentos e contribuímos com o nosso olhar para a construção de memórias, lembranças e experiências dentro do meio em que vivemos.

EDILENE MATOS é doutora em Comunicação e Semiótica: Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/São Paulo) e tem pós-doutoramentos pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (USP/IEB); e pela Université Paris/Nanterre La Défense. Tem pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa. Foi professora visitante sênior no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da Universidade Nova de Lisboa. É docente, pesquisadora e diretora de teses da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pertence a diversos centros de estudos nacionais e internacionais, como o Grupo de Trabalho (GT) Literaturas Orais e Populares da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL); Centre de Recherches sur le monde lusophone (CRILUS), da Université de Nanterre; Instituto de Estudos da Literatura Tradicional (IELT), da Universidade Nova de Lisboa. No Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é líder do GT Tramas Poéticas: memória, voz e corpo. Integra o Comitê Científico de várias revistas de cultura de ampla circulação. Tem vários livros, capítulos de livros e artigos publicados, no Brasil e no exterior. Desde 2017, ocupa a Cadeira nº 13 da Academia de Letras da Bahia, foi vice-presidente, sendo atualmente diretora do arquivo.



Galeria Juarez Paraiso

O Palacete Góes Calmon e o seu patrimônio cultural: a formação do acervo da Academia de Letras da Bahia (1983–2025)

Bruno Lopes do Rosário



A centenária **Academia de Letras da Bahia (ALB)**, criada em 1917, é uma das instituições culturais mais prestigiadas do Estado da Bahia. Essa marca não é apenas um mero detalhe da sua longa história. É testemunha da sua afirmação e do seu dinamismo, potencializada ao longo de décadas pelos serviços prestados à cultura, às letras, às artes e às ciências.

No cenário baiano, atravessa, ininterruptamente, mais de um século de atividades sendo partícipe de fatos e acontecimentos históricos que dialogam com os diversos setores sociais, culturais e políticos da Bahia e do Brasil, a exemplo das comemorações centenárias da Independência da Bahia, da descoberta do petróleo, a criação de universidades federais, a interiorização da educação superior estadual, dentre outros episódios importantes e de grande apelo social, cultural e educacional.

Nesse contexto de longevidade, um importante aspecto da história da ALB determina a sua vocação para a imortalidade: o Palacete Góes Calmon.

O antigo casarão, localizado no bairro de Nazaré, em Salvador, Bahia, pertenceu a Inocêncio Marques de Araújo Góes Junior (1839-1897), advogado e político. Por ocasião do casamento do seu sobrinho e filho de criação, Francisco Marques de Góes Calmon, o palacete foi doado a ele em 1897. Mais tarde, Góes Calmon se tornaria banqueiro, advogado e governador da Bahia de 1924 a 1928.

Ativo colecionador, amante das artes, de família tradicional, Góes Calmon conservou no palacete o aspecto imponente dos prédios ecléticos do final do século XIX e início do século XX, construídos em centros de terreno, com jardins laterais, escadarias e demais elementos decorativos: painéis de azulejos, balaustradas, porão, fonte de água e estatuetas.

O Palacete Góes Calmon e o seu patrimônio cultural

O palacete ficou sob a posse da família Góes Calmon de 1897 a 1943, quando, após o falecimento de Francisco Marques de Góes Calmon em 1932, o imóvel e suas coleções foram adquiridos pelo Governo Estadual para abrigar a sede da Pinacoteca do Estado e Museu do Estado, inaugurados em 2 de julho de 1946.

Entre os anos de 1970 e 1983, o palacete foi sede do Museu de Arte da Bahia. O acervo, composto de cerâmica, mobiliário antigo, imaginária, azulejaria, ourivesaria, escultura, formou o Museu de Arte (Boaventura, 2004).

Em 7 de março de 1983, o Governo do Estado fez a doação do Palacete Góes Calmon à ALB, tornando-o a sede da instituição após longo período no prédio do Terreiro de Jesus, Pelourinho, centro histórico de Salvador.

Em todas as funções, o palacete, confirmando a mesma vocação cultural impressa pelo proprietário-colecionador, permitiu a organização de sua memória institucional com a ampliação da biblioteca, criação do arquivo e a musealização dos espaços de convivência e de memória.

Antes, a ALB já havia circulado por diversos outros endereços na cidade de Salvador, como recorda Claudio Veiga (1983, p. 132): “Havendo nascido na Ladeira da Praça, teve de perambular, em seu funcionamento e várias atividades, por numerosos logradouros da cidade: Praça Municipal, Praça da Piedade, Praça Carneiro Ribeiro, Avenida Sete de Setembro, Canela e Politeama”.

Instituída com grande prestígio pela representatividade e notabilidade de seus membros fundadores, além de funcionar com suas atividades internas, próprias da instituição, encontrou, já na sede do Terreiro de Jesus, condições de exercer uma significativa atividade cultural de interesse público, voltada para as letras, com a promoção de eventos literários importantes.

A transferência da sede do prédio do Terreiro de Jesus para o palacete no bairro de Nazaré permitiu que a ALB se credenciasse para ampliar suas ações, participar efetivamente das



mais diversas atividades culturais, além de se firmar como agente de dinamização da cultura, tornando-se referência como um núcleo difusor da história e da memória na Bahia. Cabe destacar o protagonismo da ALB como uma das instituições culturais mais longevas e atuantes em todo o Estado.

A nova sede proporcionou uma agenda portentosa de atividades, mas, sem dúvida, o destaque dessa mudança efetivou a sua vocação para o cultivo da língua e da literatura nacionais, além do estímulo às letras, às ciências, às artes.

Outro aspecto que ganha destaque com a nova sede é a musealização dos seus espaços de convivência, que oferta uma experiência rica em história e memória através dos ornamentos, elementos decorativos, quadros, móveis, das peças museais, telas, esculturas, pinturas em afresco e placas comemorativas que dialogam com a história e a memória da Bahia nas suas mais variadas manifestações.

Os salões imponentes estão divididos em porão alto, andar térreo e primeiro andar, que são utilizados para abrigar as coleções de pinturas em óleo, *biscuits*, medalhas, condecorações, pratos brasonados e demais peças museais doadas por acadêmicos e acadêmicas e personalidades da cultura na Bahia.

O porão alto, antigo gabinete e biblioteca de Góes Calmon, hoje acolhe a secretaria e sala denominada Presidente Claudio Veiga, justa homenagem ao professor que formou gerações de escritores baianos e que foi presidente da ALB por 26 anos. Nesse ambiente, impressionam os painéis de azulejos do século XVIII, importante expressão artística portuguesa no Brasil, recentemente restaurados e que ornaram boa parte das paredes do palacete.

No andar térreo, nos deparamos com quatro grandes salões, além do hall de entrada, marcada com dois gradis em jacarandá e dois bustos de membros da Academia. A antiga sala de es-





tar deu lugar à Sala Edith Mendes da Gama e Abreu, com móveis e objetos que pertenceram à professora, escritora, sufragista e primeira mulher a fazer parte da ALB, empossada em 1937. Nesse salão, estão móveis em jacarandá, porcelanas orientais, quadros de expoentes da Bahia – a exemplo do fundador da ALB, o engenheiro Arlindo Fragoso –, além de uma coleção de *biscuits*, doação de Eliezer Audiface. O teto é de autoria de Presciliano Silva, renomado pintor e reconhecido internacionalmente.

Ao lado, no salão repleto de telas restauradas e bem-conservadas, é possível contemplar uma exposição de quadros com personalidades baianas que compuseram os quadros de fundadores da Academia: Rui Barbosa, Xavier Marques, Luiz Viana Filho, José Calasans, dentre outros nomes de destaque no cenário político e sociocultural da Bahia. Ao centro, uma grande mesa em madeira, devidamente restaurada, remete ao tempo da sede do Terreiro de Jesus, um elo entre as duas casas (Hoisel, 2018, p. 229).

Na sala lateral ao hall de entrada, há uma sala para exposições com objetos, medalhas e condecorações dos acadêmicos José Silveira, Jorge Calmon e José Calasans. Hoje, a sala abriga a Galeria Juarez Paraiso, acadêmico e importante representante das artes plásticas na Bahia, com exposição de quadros de artistas plásticos baianos e brasileiros. Naquele mesmo espaço, estava em exposição a Galeria dos Presidentes da ALB, um espaço de memória, que foi realocada e exposta no auditório Magalhães Neto, no andar superior.

Finalmente chegamos à antiga sala de jantar do Palacete Góes Calmon, atualmente funcionando como a sala de reuniões da ALB. Uma sala ampla, clássica, com móveis autênticos em madeira, mesas, cadeiras, relógio, aparadores, urna de eleição e a Coleção de Pratos Brasonados, doada pelo acadêmico benfeitor Jorge Calmon. Nessa referida sala, acontecem as sessões ordinárias, homenagens, eleições acadêmicas, palestras e lançamentos de livros. É o espaço de convivência, de saberes e de afetos. Sem dúvida, é a sala que mais encanta os visitantes, curiosos e pesquisadores.





No andar superior, onde funcionavam os quartos do palacete, estão os Auditórios Pedro Calmon e Magalhães Neto. Dois importantes espaços que permitem a apresentação de grandes eventos relacionados à história, memória, cultura e literatura e onde são realizados cursos, seminários, encontros, homenagens e eventos solenes da ALB. No Auditório Pedro Calmon, com cerca de 70 lugares, ocorrem pequenos cursos, seminários, oficinas literárias, entre outros eventos menores. Já o Auditório Magalhães Neto, salão nobre e de eventos maiores, com cerca de 120 lugares, recebe diversos eventos protocolares e festivos importantes da longa história da ALB. No mesmo auditório, além da Galeria dos Presidentes, estão expostas placas comemorativas dos Patronos e Fundadores, da Academia Brasílica dos Esquecidos (1724) e da Academia dos Renascidos (1759).

Na década de 1990, a ALB teve o seu patrimônio aumentado, visto que foi construída uma área moderna, com salas de gerência administrativa e financeira, um elevador para viabilizar a acessibilidade, e, principalmente, o Pavilhão Jorge Calmon, para abrigar a biblioteca e o arquivo. Ambos passaram a crescer e receber pesquisadores de todas as partes da Bahia, do Brasil e de outros países para pesquisar sobre a história e cultura baiana e brasileira.

Para melhor atender as novas funções e dinâmicas da ALB, além da expressiva demanda de pesquisas e produção de documentos, foi necessário potencializar a estrutura que se ampliava para a nova realidade apresentada, uma instituição renovada e que se preparava para o século XXI. Era urgente que as novas instalações pudessem abrigar o acervo documental e bibliográfico que se encontrava em péssimas condições de acesso à pesquisa no antigo prédio do Terreiro de Jesus.

Para acolher e salvaguardar o seu memorável acervo bibliográfico e documental, foi construído o Pavilhão Jorge Calmon, inaugurado em 21 de maio de 1990, permitindo o crescimento do acervo e a aquisição de novas doações.

A partir desse momento, a Academia passou a fazer a gestão de coleções especiais, a começar com a biblioteca do jurista baiano Álvaro Gonçalves Nascimento, doada em 1987 através da sua filha, Leda Nascimento Pedreira, e que conta com um acervo com mais de dois mil e quinhentos livros, a exemplo de preciosidades de Camilo Castelo Branco, Rui Barbosa, entre outros. O acervo se destaca pela especialidade em literatura portuguesa e literatura brasileira. Outros acervos também foram doados para a Biblioteca: Waldir de Oliveira e Souza e Odorico Tavares.

O acervo geral encontra-se na Biblioteca Jorge Amado, que recebeu esse nome em 2012 quando o acadêmico baiano, já falecido, completou seu centenário de nascimento. Diversas comemorações foram organizadas em torno do centenário de um dos escritores baianos mais conhecidos internacionalmente. No mesmo ano, foi organizado o Curso Jorge Amado de Literatura Brasileira, em parceria com a Fundação Casa de Jorge Amado, além de exposições e lançamentos de livros ligados à vida e obra do escritor.

A biblioteca “foi criada com a finalidade de promover o acesso à informação especializada, apoiar a divulgação da literatura baiana e brasileira nas diversas manifestações [...]” (Boaventura; Rosário; Silva, 2019, p. 74). Com um acervo diversificado e importante, estima-se a guarda de cerca de 30 mil títulos de diversas áreas do conhecimento. Estão disponíveis ao público: livros, periódicos, materiais especiais, obras de referências, bibliografias especializadas, catálogos, entre outros. Chama a atenção as coleções especiais bem-preservedas, acondicionadas em estantes adequadas e próprias para a importância do acervo. As coleções *Brasílica* e *Camiliana* e periódicos como *Revista Fonfon*, *Revista A Luva* e *Revista Seiva* estão entre os mais lembrados.

O Arquivo Renato Berbert de Castro foi organizado pelo acadêmico que deu nome ao novo espaço e que havia sido diretor do Arquivo Público da Bahia. Castro reuniu documentos através de doações dos familiares e dos próprios acadêmicos e acadêmicas. É possível en-

“Entre os anos de 1970 e 1983, o palacete foi sede do Museu de Arte da Bahia. O acervo, composto de cerâmica, mobiliário antigo, imaginária, azulejaria, ourivesaria, escultura, formou o Museu de Arte.”

contrar documentos variados, a depender da função social, profissional e acadêmica dos membros da ALB. De modo geral, estão abrigados no arquivo: correspondências ativas e passivas, fotografias, resumos biográficos, dossiês, originais de livros, manuscritos etc. Além de documentos, é possível ainda pesquisar a bibliografia dos acadêmicos e acadêmicas que estão à disposição da comunidade baiana e brasileira.

Para facilitar o acesso à informação e pesquisa, estão organizados tecnicamente em três fundos: histórico (de acadêmicos e acadêmicas que já faleceram), acadêmicos titulares (que estão em atividade) e o de correspondentes (acadêmicos que residem em outras cidades, estados e países).

O arquivo tem por finalidade a salvaguarda dos documentos produzidos ou doados pelos acadêmicos ou por suas respectivas famílias. Está amparado pelo Regimento Interno da ALB, capítulo oitavo, que assegura a criação, organização e o acesso à informação. Está assim descrito na *alínea b do artigo 21*: “recolher e conservar documentos relacionados com acadêmicos e patronos de cadeiras da Academia, e com personalidades da vida cultural baiana e brasileira” (ALB, 2014). Bem assim, receber e preservar os arquivos pessoais de ilustres da vida literária baiana.

Entre as fontes de pesquisa, estão os *Livros de Ata* das atividades relacionadas à vida acadêmica. Nas atas, escritas desde a sua fundação, é possível identificar as sessões



O Palacete Góes Calmon e o seu patrimônio cultural

organizadas pela ALB nas suas diversas sedes, os acadêmicos fundadores, as posses, os lançamentos, as discussões sobre os aspectos da literatura baiana e sobre as atividades acadêmicas. O primeiro livro data de 1917 a 1926 e destaca o período de sua fundação, os nomes e as razões das escolhas dos patronos e fundadores, bem como outros aspectos da vida literária que ganhava corpo na Bahia.

O arquivo preserva a coleção completa da *Revista da Academia de Letras da Bahia*, tendo o seu primeiro volume editado em 1930, que continua sendo editada anualmente. Esse importante periódico tornou-se um alentado e expressivo documento de memória institucional, estruturado por: ensaios e artigos, poesia, ficção, discursos, diversos, incluindo as efemérides do ano, o quadro social da ALB e os endereços dos acadêmicos. Em verdade, grande parte da vida acadêmica está no periódico, o que possibilita rememorar os seus antecessores e a sua produção acadêmica, além dos relatórios anuais das diretorias vigentes. É fonte de informação importante. Atualmente, é bastante consultada por pesquisadores da Bahia e do Brasil, já que foi inserida no patamar de revista científica, apresentando ISBN, que permite a citação em textos acadêmicos e científicos.

Salientamos, portanto, o protagonismo do Palacete Góes Calmon na perspectiva da acomodação dos ambientes para que fossem arquitetonicamente funcionais para receber coleções museais, documentais e bibliográficas. Todo o acervo da ALB permite aos pesquisadores e à comunidade acadêmica rememorar aspectos históricos, sociais e culturais da Bahia através das paredes, telas, pinturas, dos móveis, objetos, elementos decorativos e do seu rico acervo documental e bibliográfico que fomenta pesquisas, revela autores, escritores e expoentes da Bahia.

Dada a sua importância como um bem cultural de valor histórico, cultural, artístico e estético, o Palacete Góes Calmon encontra-se em processo de tombamento nas esferas estadual





Bruno Lopes do Rosário

e municipal, visando garantir a preservação da memória, valorização da identidade e o estímulo ao conhecimento e à pesquisa.

Para concluir, não é exagero dizer que o Palacete Góes Calmon como sede da ALB é um baluarte na preservação e uma salvaguarda da memória coletiva e literária da Bahia em suas diversas manifestações.

BRUNO LOPES DO ROSÁRIO é bacharel em História com habilitação em Patrimônio Cultural pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) e mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É historiador, atuando no Arquivo Renato Berbert de Castro da Academia de Letras da Bahia.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Anuário da Academia de Letras da Bahia*. Salvador: Quarteto Editora, 2017. n. 4, v. 5.
- ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Estatuto e regimento interno da Academia de Letras da Bahia. EGBA: Academia de Letras da Bahia, 2014.
- ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Inauguração da Biblioteca Álvaro Nascimento*. [Salvador]: [s. l.], 1987.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *O Solar Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2004.
- BOAVENTURA, Edivaldo M.; ROSÁRIO, Bruno Lopes do; SILVA, Marcelo Fraga da. A formação do acervo ALB: arquivo, biblioteca e museu. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 57, p. 69-91, jan. 2019.
- CALMON, Jorge. *A Coleção de Louça Brasonada da Academia de Letras da Bahia*. [Salvador]: [s. n.], [s. d.].
- CASTRO, Renato Berbert. *Os fundadores da Academia de Letras da Bahia*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; EGBA, 1998.
- HOISEL, Evelina et al. *Academia de Letras da Bahia: um século de história*. Salvador: Edufba, 2018.
- HISTÓRIA e missão. *Academia de Letras da Bahia*, Salvador, 5 abr. 2021. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/sobre/>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- VEIGA, Claudio. Inauguração da nova sede. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 31, p. 131-139, dez. 1983.



Características museológicas do Palacete Góes Calmon

Angela Petitinga



Foi com grande alegria que recebi o convite do Professor Aleilton Fonseca, atual Presidente da Academia de Letras da Bahia (ALB), para escrever sobre as características museológicas do Palacete Góes Calmon, bem como sobre o acervo artístico da Academia e a criação da Galeria Juarez Paraíso.

As academias de letras, em sua essência, têm a missão de preservar, valorizar e promover a língua, a literatura e a cultura nacionais. A ALB, no entanto, diferencia-se por ampliar esse escopo, acolhendo também outras linguagens artísticas e abrindo suas portas para o diálogo entre as artes, o teatro e a música.

Breve histórico

A ALB foi fundada em 7 de março de 1917 por iniciativa do engenheiro Arlindo Coelho Fragoso, contando com a presença ilustre de Ruy Barbosa entre os sócios fundadores. Durante seus primeiros anos, a ALB funcionou em diferentes espaços cedidos por instituições parceiras – como a Assembleia Legislativa da Bahia, a Biblioteca Pública do Estado e um sobrado no Terreiro de Jesus. Somente em 1983, passou a ocupar sua sede atual: o Palacete Góes Calmon, no bairro de Nazaré, em Salvador. O prédio anteriormente abrigava o Museu de Arte da Bahia, que foi transferido para o Corredor da Vitória, abrindo caminho para que a Academia se estabelecesse no palacete.

O Palacete Góes Calmos foi residência da família do governador Francisco Marques de Góes Calmon, que governou a Bahia de 1924 a 1928. Depois do seu falecimento, o interventor Renato Pinto Aleixo adquiriu o imóvel e a coleção de artes para ser a sede do Museu de Arte da Bahia, a partir de 2 de julho de 1946 até o final dos anos 1960.

O Palacete Góes Calmon, também conhecido como Solar dos Calmon, é uma edificação do século XIX, que pertenceu a uma tradicional família baiana. Sua arquitetura reflete a sofis-

ticação da aristocracia oitocentista, com traços do neoclassicismo e influências coloniais. O imóvel está em processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e também pela Fundação Gregório de Mattos (FGM), o que reforça o seu valor histórico e museológico. Elementos originais da construção foram preservados – como pisos, forros, estuques e vitrais –, compondo uma ambiência autêntica, que transporta o visitante a outros tempos.

O prédio é mais que uma sede: é um guardião da memória literária da Bahia. Entre paredes que respiram história, repousam objetos, livros e imagens dos acadêmicos, compondo um cenário onde a experiência estética e a intelectual se entrelaçam – como acontece nos espaços museológicos mais nobres.

Cumprindo, além de sua vocação acadêmica, a missão silenciosa de um museu, o lugar oferece ao visitante um percurso de descobertas:

Exposição permanente – mobiliário, bustos, esculturas, quadros, medalhas e condecorações que pertenceram a escritores baianos ou a figuras ligadas à história da Academia se dispõem em salas e corredores, como testemunhas atentas de outras épocas.

Galeria de retratos – rostos dos imortais, fixos no tempo, preservam a memória da inteligência e da sensibilidade que moldaram a cultura baiana.

Biblioteca e arquivo – guardam acervos raros e documentos históricos, cuja importância cultural e científica reafirma o compromisso com a preservação e a pesquisa, missão tão cara aos museus.

Assim, o edifício não apenas abriga a Academia; ele a encena, transformando cada visita num encontro entre passado e presente, memória e inspiração.

Azulejos da memória: os painéis da Academia de Letras da Bahia

No silêncio luminoso das salas da ALB, a luz se debruça sobre superfícies que não são apenas cerâmica; são páginas de uma história escrita em esmalte e fogo.

Cada painel de azulejo é um fragmento de tempo, um eco de mãos que, há séculos, traçaram pinceladas de azul sobre o branco estanífero, compondo narrativas que atravessaram mares e épocas para repousar aqui, no Solar Góes Calmon.

O azulejo, como definiu Eldino da Fonseca Brancante, é cerâmica esmaltada – terracota molhada, queimada e coberta por uma pele vidrada na qual pigmentos minerais se transformam em imagem. Mas essa definição técnica, embora precisa, não dá conta de seu destino poético: o azulejo não existe sozinho, mas em diálogo com o espaço, com a arquitetura, com a história que o abriga e com os olhos que o contemplam.

Da península à colônia

A viagem deste ofício começa nas oficinas de Sevilha, onde – por encomenda de Dom Manuel, o Venturoso – nasceram os azulejos hispano-mouriscos, feitos na técnica de *corda seca* e instalados no Palácio Nacional de Sintra. Portugal, ainda aprendiz, só inauguraria sua própria produção na segunda metade do século XVI, seduzido pela *majólica* italiana trazida por Francisco Niculoso Pisano.

Foi assim que o barro encontrou a pintura e que a pintura encontrou no barro uma pele fiel. As mãos de Francisco e Marçal de Matos ergueram painéis eruditos, plenos de rigor no traço e ousadia na cor. E, como um espelho das modas e das correntes artísticas, o azulejo portu-



guês atravessou o Renascimento, vestiu-se de Barroco e Rococó, depurou-se no Neoclássico e ousou no Moderno.

Quando a morte de Dom Sebastião mergulhou Portugal na crise e na União Ibérica, a azulejaria se reinventou: surgiram os “tapetes” – padrões que lembravam tecidos da Índia e da Flandres – e, com eles, o primeiro sopro dessa arte chegou ao Brasil, pousando nas cidades do litoral nordestino. O século XVIII, no entanto, seria seu apogeu figurativo. Azul e branco, como porcelana chinesa, as cenas religiosas e mundanas floresceram sob mestres como Gabriel del Barco e António de Oliveira Bernardes, criando painéis que são, até hoje, janelas abertas para o passado.

Segundo o museólogo e especialista em azulejaria Estácio Fernandes, os painéis que hoje se revelam nas paredes da ALB nasceram na primeira metade do século XVIII, moldados no barro, esmaltados com pigmentos minerais e concebidos dentro de uma linguagem artística de rara qualidade. São testemunhos silenciosos de um tempo distante, cujas histórias, em grande parte, o vento da história dissipou – restando apenas o brilho da superfície e o mistério do que viveram.

Entre junho e outubro de 2023, esses painéis renasceram pelas mãos de quem compreende que restaurar é também um ato de escuta. Sob a coordenação de Estácio Fernandes, a equipe formada por Rogério Dutra, Humberto Gonzaga, Laís Glória e Ivonete Dórea dedicou-se a devolver às peças a sua dignidade: retirando as marcas do tempo com paciência, revelando cores há muito adormecidas e recompondo desenhos que pareciam condenados ao esquecimento.

Hoje, diante deles, o visitante não vê apenas azulejos. Vê um fragmento de século XVIII, preservado para que a memória não se quebre – um diálogo silencioso entre passado e presente, entre o gesto dos artesãos de outrora e o cuidado dos restauradores de agora.

A intervenção nos painéis da Academia será discreta, *in loco*, como quem sussurra ao ouvido de uma obra que já disse tanto e ainda quer falar. Limpeza cuidadosa, remoção de rejuntas gastos, recomposição de lacunas, reintegração cromática. E, por fim, um verniz protetor, não para encerrar a obra, mas para permitir que ela continue respirando.

Painel 1 – Filosofia (1737): o maior e mais nobre. Nele, a perspectiva e o traço revelam a mão segura de um mestre. É como se a própria razão, representada em figura, sustentasse a sala onde repousa.

Painéis 2, 3 e 4 – Anjos: mais contidos, mais íntimos. Querubins de faces serenas, que dividem o espaço com o painel da Filosofia como guardiões alados da sabedoria.

Painel 5 – Xantipa banhando Sócrates: uma cena de paciência e provocação, inspirada na gravura de Otto van Veen. A água, o gesto, o filósofo – tudo suspenso no instante.

Painel 6 – Cenas de caça: marcado pelo tempo, fissurado, mas ainda vivo. Entre árvores e presas, vê-se o vigor do pincel e o canto longínquo de um mundo rural que o tempo quis apagar.

Painel 7 – São Gonçalo do Amarante pregando: um exilado de sua própria igreja em São Gonçalo dos Campos, mutilado, dividido entre museus, mas que ainda ergue a voz em fragmentos.

Painéis 8 e 9 – Caçadas e Cotidiano: tons e pinceladas que lembram o claustro do Convento de São Francisco. Caçadores eternamente à espreita, presas eternamente à fuga.

A herança brasonada da Academia de Letras da Bahia

Em uma viagem no tempo, a ALB abre suas portas para um tesouro singular: a Coleção de Louça Brasonada. Cada peça, um eco do passado, sussurra histórias de nobreza e requinte. Doadas em um gesto de grande generosidade por Jorge Calmon, essas louças são mais que meros objetos; são guardiãs de uma tradição que floresceu entre porcelanas chinesas, faianças e a inconfundível porcelana de Limoges.

A essência de cada louça: porcelana e faiança

Para entender a beleza de cada peça, é preciso diferenciar sua alma. A porcelana é a essência da luz e da força. Nascida do caulim, do quartzo e do feldspato, ela se transforma sob o fogo ardente do forno, emergindo translúcida, densa e resistente, como se guardasse a própria claridade. Já a faiança, com sua alma mais terrosa e plástica, é forjada em temperaturas mais amenas. Sua natureza porosa e delicada pede o abraço do esmalte para se tornar impermeável, ganhando assim sua própria beleza e funcionalidade.

A fascinante jornada das porcelanas da Companhia das Índias

A história da Companhia das Índias é uma odisseia de comércio e arte. O que hoje chamamos de porcelana da Companhia das Índias Ocidental, na verdade, era a preciosa porcelana da China, levada ao Ocidente por navegadores audaciosos. Foram os portugueses, desde o século XVI, os primeiros a desbravar essa rota de seda e porcelana, seguidos por franceses, holandeses e ingleses. A Inglaterra, em particular, dominou esse comércio por mais de dois séculos e meio, marcando o mundo com as porcelanas conhecidas como China Trade e Chinese Export.

Enquanto os ocidentais buscavam a alvura imaculada e a translucidez, os mestres chineses valorizavam, acima de tudo, a ressonância – o som cristalino que uma peça de boa porcelana emitia, uma verdadeira melodia de qualidade.

O brilho da porcelana de Limoges

Nascida no coração da França, a porcelana de Limoges é um sinônimo de luxo e arte. Sua história começa no século XVIII, com a descoberta de depósitos de caulim na região. Essa “terra branca” permitiu a criação de uma porcelana de pureza e brilho incomparáveis, que rapidamente se tornou um símbolo de elegância, celebrando a tradição artesanal francesa.

Louça brasonada: um símbolo de prestígio

O nome brasonada vem do brasão de armas, o emblema de uma linhagem. Essas louças eram encomendadas por famílias nobres, ordens religiosas e grandes instituições, sendo um sinal de status e pertencimento. Produzidas principalmente em Portugal, Inglaterra e França entre os séculos XVII e XIX, essas louças viajavam em navios da Companhia das Índias, tornando-se conhecidas também como “louça das Índias”.

No Brasil, famílias da elite colonial e imperial, além de ordens religiosas, exibiam com orgulho seus brasões em pratos, travessas e sopeiras, peças que hoje contam a história de uma época de requinte. A coleção da ALB inclui louças brasonadas em porcelana alemã, inglesa e francesa, além de faiança inglesa do século XIX.

“Os painéis que hoje se revelam nas paredes da ALB nasceram na primeira metade do século XVIII, moldados no barro, esmaltados com pigmentos minerais e concebidos dentro de uma linguagem artística de rara qualidade”

Mais que brasões: uma galeria de identidades

A coleção da ALB é um mosaico de identidades, no qual cada tipo de louça revela uma faceta da história:

Louça Real e Imperial – com porcelanas da Companhia das Índias e de Limoges do século XIX, essas peças nos transportam para as mesas da realeza.

Louça Coroada – porcelanas francesas e inglesas do século XIX, que ostentam a majestade da coroa.

Louça Monogramada – a identidade se revela em um monograma, um entrelaçamento de iniciais que personalizava as peças de famílias influentes, em porcelanas francesas e inglesas do século XIX.

Porcelana não Personalizada – a beleza fala por si mesma, sem precisar de símbolos, valorizando a arte pura da porcelana.

A arte: o alfabeto da humanidade e a revolução silenciosa

A arte é o registro mais puro da humanidade. Em cada traço, melodia ou verso, ela captura a essência da nossa existência, o universo de emoções e as experiências de uma época. É por meio de suas diversas manifestações – seja na pintura, na escultura, na dança ou na poesia – que conseguimos contar e perpetuar a nossa própria história. Ao promover a arte, garantimos a sobrevivência do que somos.

A técnica na arte pode ser estudada, mas a obra em si é o resultado de um universo particular, a decodificação de um artista. É a sua forma de interpretar o mundo através de um alfabeto próprio. No entanto, uma vez finalizada, a obra se torna um bem comum, e seu significado passa a depender inteiramente de quem a observa.

Esta é a revolução silenciosa da arte: ela nos convida a construir nossa própria compreensão, tornando-nos mais abertos e generosos. Diante de uma obra, somos desafiados a questionar o que é definitivo e a abraçar a beleza da reinterpretação.

“As academias de letras, em sua essência, têm a missão de preservar, valorizar e promover a língua, a literatura e a cultura nacionais. A ALB, no entanto, diferencia-se por ampliar esse escopo, acolhendo também outras linguagens artísticas e abrindo suas portas para o diálogo entre as artes, o teatro e a música.”

Galeria de arte Juarez Paraiso

Durante a gestão do Professor Ordep Serra, fui convidada para assumir a curadoria da recém-criada Galeria Juarez Paraiso – convite que aceitei com entusiasmo. Convidei o amigo Erickson Britto, artista visual e curador, para juntos construirmos uma curadoria de sucesso. Iniciamos, então, o processo de contato com os artistas e a construção coletiva do propósito da galeria. O resultado superou todas as expectativas: houve adesão imediata de artistas baianos, tanto residentes em Salvador quanto em outras cidades do Brasil e do exterior.

Criamos um Livro de Ouro, no qual os artistas registraram suas impressões, reflexões ou até desenhos e esboços. Esse livro está disponível para consulta pública na sede da ALB, tornando-se uma peça viva de memória e expressão artística.

A Galeria Juarez Paraiso ganhou também uma presença digital: seu site foi lançado em 15 de dezembro de 2023, reunindo biografias dos artistas participantes, imagens das obras doadas, informações técnicas e, inclusive, o valor comercial estimado das peças.

A inauguração física da galeria ocorreu em uma sala provisória no dia 30 de janeiro de 2025. O conjunto das obras apresentou-se sob a inspiração de um tema comum: “Encantos da Bahia”, evocando a diversidade, a beleza e a poética do nosso estado.

ANGELA PETITINGA é museóloga (1983) formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-graduação em Crítica de Arte (UFBA) e Gestão Empresarial (FIB). Fundou, em 1996, a Doc-Expõe Gestão Museológica e Documental, realizando projetos expográficos e curadorias em museus e espaços culturais na Bahia e no Brasil. Foi diretora técnica do Museu Eugênio Teixeira Leal – Memorial do Econômico e responsável pelo projeto expográfico e gestão da Casa do Rio Vermelho por sete anos. Em 2023, foi convidada pelo presidente Ordep Serra para assumir a curadoria da Galeria de Artes Visuais da Academia de Letras da Bahia. Integra ainda o coletivo artístico Roda das Artes.



Quadro atual da ALB

1. Emiliano José
2. Paulo Ormindo de Azevedo
3. Edvaldo Brito
4. Nelson Cerqueira
5. Carlos Ribeiro
6. Cleise Mendes
7. Joaci Góes
8. Paulo Costa Lima
9. Antônio Torres
10. Freddie Didier
11. Yeda Castro
12. Aramis Ribeiro Costa
13. Edilene Matos
14. Gláucia Lemos
15. Lia Robatto
16. Mirella Márcia Longo Vieira Lima
17. Ruy Espinheira Filho
18. Maria Bethânia
19. Décio Torres Cruz
20. Aleilton Fonseca
21. Antonio Brasileiro
22. Cyro de Mattos
23. Samuel Celestino
24. Francisco Senna
25. Fernando da Rocha Peres
26. Heloísa Prazeres
27. Ordep Serra
28. Marcus Vinícius Rodrigues
29. Gerana Damulakis
30. Paulo Furtado
31. Florisvaldo Mattos
32. João Carlos Salles
33. Muniz Sodré
34. Evelina Hoisel
35. Luís Antonio Cajazeira Ramos
36. José Carlos Capinan
37. Dom Emanuel D'Able do Amaral
38. Armando Avena
39. Juarez Paraiso
40. Urânia Tourinho Peres



Diretoria da ALB | março 2025 · março 2027

Presidente

Aleilton Santana da Fonseca

Vice-presidente

Edvaldo Pereira de Brito

1º Secretário

Carlos Jesus Ribeiro

2ª Secretária

Heloísa Prata e Prazeres

1º Tesoureiro

Nelson Cerqueira

2º Tesoureiro

Paulo Ormindo David de Azevedo

Diretora do Arquivo

Edilene Dias Matos

Diretor da Biblioteca

Armando Avena Filho

Diretor de Informática

Décio Torres Cruz

Diretor da Revista

Fernando da Rocha Peres

Conselho Editorial

Cleise Furtado Mendes

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho

Conselho de Contas e Patrimônio

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Lia de Carvalho Robatto

Urânia Tourinho Peres

COORDENAÇÃO EDITORIAL E ORGANIZAÇÃO

Aleilton Fonseca

COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO

Patrícia Si Barreto

COORDENAÇÃO EDITORIAL E DIREÇÃO DE ARTE
P55 Edição / André Portugal e Marcelo Portugal

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Howfenns Cavalcante

ASSISTENTE EDITORIAL

Mariana Rios

REVISORA

Grícia Mendes

IMAGENS • FOTÓGRAFOS

Aristides Alves (p. 1, 10, 24-25, 53, 56-58, 60, 101, 104, 107-108, 112),
Pico Garcez (p. 12-13, 18, 22-23, 26, 48, 82, 86, 117, 120, 127, 129-130, 132-135, 138, 141-142, 150)

IMAGENS • ACERVO PARTICULAR

André Portugal (p. 38-39, 70, 122-123), Arquivo ALB (p. 8, 92),
Arquivo Paulo Ormindo (p. 31-33, 37-38, 41),
Patrícia Si Barreto (p. 21, 42-44, 62, 73, 78, 96, 110)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A168 Academia de Letras da Bahia.

Palacete Góes Calmon: patrimônio da Bahia. Organização Aleilton Fonseca. Apresentação Patrícia Si Barreto. Textos Aleilton Fonseca, Cleise Mendes, Paulo Ormindo de Azevedo, Cyro de Mattos, Ordep Serra, Décio Torres Cruz, Aramis Ribeiro Costa, Heloísa Prazeres, Evelina Hoisel, Nelson Cerqueira, Francisco Sena, Mirella Márcia Longo Vieira Lima, Edilene Matos, Bruno Lopes do Rosário e Angela Petitinga. Fotografia Aristides Alves e Pico Garcez. -- Salvador: Academia de Letras da Bahia: P55 Edição, 2025.

160 p. : il.

ISBN: 978-65-989482-0-7

1. Arquitetura. 2. Arquitetura – História. I. Fonseca, Aleilton. II. Barreto, Patrícia Si. III. Mendes, Cleise. IV. Azevedo, Paulo Ormindo de. V. Mattos, Cyro de. VI. Serra, Ordep. VII. Cruz, Décio Torres. VIII. Costa, Aramis Ribeiro. IX. Prazeres, Heloísa. X. Hoisel, Evelina. XI. Cerqueira, Nelson. XII. Sena, Francisco. XIII. Márcia, Mirella. XIV. Matos, Edilene. XV. Rosário, Bruno Lopes do. XVI. Petitinga, Angela. XVII. Alves, Aristides. XVIII. Garcez, Pico. XIX. Título.

CDD 720
720.9

Ana Lúcia Reis Fonseca – Bibliotecária – CRB-5/317

Copyright © 2025. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem a devida autorização.

Este livro foi impresso em papel couchê 150 g e composto com o auxílio das tipografias Crimson Pro e Amarante.

Academia de Letras da Bahia

Av. Joana Angélica, 198. Nazaré, Salvador – BA, CEP 40050-000
secretaria@academiadetrasdabahia.org.br



Patrocínio



CAIXA Vida e Previdência

CAIXA Capitalização

CAIXA Consórcio

CAIXA Assistência

Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

